

Universidades Lusíada

Rodrigues, Liliane Sofia Neves, 1994-

A influência na auto-estima das crianças e jovens em relação aos estilos parentais autoritários versus estilos parentais permissivos

<http://hdl.handle.net/11067/5542>

Metadados

Data de Publicação	2020
Resumo	<p>A investigação teve como objectivo compreender a relação entre os estilos parentais, nomeadamente estilos parentais autoritários versus estilos parentais permissivos e a sua influência na auto-estima das crianças e adolescentes. Variáveis como a idade, o género e a necessidade educativa especiais das crianças e adolescentes foram avaliadas neste estudo. A amostra engloba 1102 alunos no total, representada por 318 alunos do 3º ano de escolaridade, 426 alunos do 4º ano, 251 são os alunos do 5º ano...</p> <p>The following investigation aimed to understand the relationship between parental styles, specifically authoritarian parental style versus permissive parental style as to their influence in self-esteem of children and teenagers. Variables as age, gender and special education needs of children and teenagers were evaluated in this study. This study sample englobes a total of 1102 students, represented by 318 students enrolled in the 3rd grade of middle school, 426 in the 4th grade, 251 in the 5th ...</p>
Palavras Chave	Auto-estima em crianças, Auto-estima na adolescência, Pais e filhos, Parentalidade
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T10:04:38Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**A influência na auto-estima das crianças e jovens em
relação aos estilos parentais autoritários
versus estilos parentais permissivos**

Realizado por:
Liliane Sofia Neves Rodrigues

Orientado por:
Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor António Martins Fernandes Rebelo
Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Arguente: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita

Dissertação aprovada em: 15 de Junho de 2020

Lisboa

2020



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A influência na auto-estima das crianças e jovens
em relação aos estilos parentais autoritários *versus*
estilos parentais permissivos

Liliane Sofia Neves Rodrigues

Lisboa

Março 2020



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A influência na auto-estima das crianças e jovens
em relação aos estilos parentais autoritários *versus*
estilos parentais permissivos

Liliane Sofia Neves Rodrigues

Lisboa

Março 2020

Liliane Sofia Neves Rodrigues

A influência na auto-estima das crianças e jovens
em relação aos estilos parentais autoritários *versus*
estilos parentais permissivos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e
Ciências da Educação da Universidade Lusíada para a
obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos
Santos

Lisboa

Março 2020

Ficha Técnica

Autora Liliane Sofia Neves Rodrigues
Orientadora Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Título A influência na auto-estima das crianças e jovens em relação aos estilos parentais autoritários *versus* estilos parentais permissivos
Local Lisboa
Ano 2020

Mediateca da Universidade Lusíada - Catalogação na Publicação

RODRIGUES, Liliane Sofia Neves, 1994-

A influência na auto-estima das crianças e jovens em relação aos estilos parentais autoritários *versus* estilos parentais permissivos / Liliane Sofia Neves Rodrigues ; orientado por Tânia Gaspar Sintra dos Santos. - Lisboa : [s.n.], 2020. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - GASPAR, Tânia, 1977-

LCSH

1. Auto-estima em crianças
2. Auto-estima na adolescência
3. Pais e filhos
4. Parentalidade
5. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Self-esteem in children
2. Self-esteem in adolescence
3. Parent and child
4. Parenthood
5. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations
6. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ755.85.R63 2020

Agradecimentos

Na realização da presente Dissertação, contei com o apoio directo e indirecto de algumas pessoas á qual estou profundamente grata. Em primeiro lugar agradeço a alguns elementos da minha família como aos meus tios maternos, Hugo Miguel Fernandes Neves e Clara Eugenia Borges Antunes Neves, pela paciência comigo nos momentos de maior ansiedade, pela motivação fornecida para a escrita de várias horas seguidas e pelos lanches preparados pela minha tia enquanto eu permanecia em longas horas de escrita.

Em seguida e não menos importante, estou imensamente grata à minha avó materna, Ilda Rosa Fernandes Neves pelas partilhas das minhas dores, por sofrer comigo e pelo orgulho que demonstra ter em mim.

Agradeço pela força transmitida e confiança nas minhas capacidades, muitas vezes superior á minha própria confiança, dada pelas minhas amigas Isadora Maria Santos Valente, Ana Margarida Lopes, Joana Carolina Miranda, Ana Filipa Sargaço Botelho e Ana Isabel Gama Moreira. Um agradecimento especial às minhas melhores amigas Catarina Lacueva Gonçalves, Ana Catarina Tomáz Salgueiro, Ana Isabel Gomes Domingos por terem disponibilizado várias horas nas leituras e releituras deste relatório.

Às amigas Sara Cristina Zeferino Cintra e Sandra Isabel Estevão pela paciência e dúvida esclarecidas durante a realização da presente dissertação.

Um grande agradecimento a todos os professores que contribuíram para a minha formação nomeadamente aos professores de Licenciatura que marcaram a minha formação e pela qual estou profundamente grata pelos ensinamentos, sobretudo na vertente prática, pelo rigor exigido e disciplina que foram características fundamentais para a realização da escrita desta dissertação.

Um agradecimento especial aos professores doutores Manuel Carlos do Rosário Domingos, Rui Costa e a minha orientadora professora doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos.

Por último e não menos importante um agradecimento enorme à Catarina Graça, técnica na biblioteca da Universidade Lusíada, por toda a ajuda prestada ao longo desta tese.

*“Se você traçar metas absurdamente altas e falhar,
seu fracasso será muito melhor que o sucesso de todos” –*

James Cameron, Cineasta

*“A repetição com correção até à exaustão leva à
perfeição” – Autor Desconhecido*

*“Não são os tombos que determinam o teu futuro e
sim a forma como reages a cada” –Autor Desconhecido*

Resumo

A investigação teve como objectivo compreender a relação entre os estilos parentais, nomeadamente estilos parentais autoritários versus estilos parentais permissivos e a sua influência na auto-estima das crianças e adolescentes. Variáveis como a idade, o género e a necessidade educativa especiais das crianças e adolescentes foram avaliadas neste estudo. A amostra engloba 1102 alunos no total, representada por 318 alunos do 3º ano de escolaridade, 426 alunos do 4º ano, 251 são os alunos do 5º ano e por último o 6º ano com 104 alunos. As idades dos sujeitos estão compreendidas entre os 8 e os 17 anos de idade com um Desvio Padrão de 1,32. O sexo feminino representa 56% da amostra deste estudo. A recolha de dados foi efetuada através da aplicação de questionários sobre Práticas Parentais - Controlo e Aceitação e a aplicação da Escala de Autoestima de Hare da escala de Kelley (Kelley, Denny, & Young, 1997) e através da aplicação de questionários aos filhos sobre estilos parentais e dinâmica familiar com intuito de avaliar as seguintes variáveis: afeto, hostilidade, autonomia e controlo entre pais. Os resultados demonstraram que as quatro variáveis referentes aos estilos parentais empregados pelos pais como afecto, hostilidade, autonomia e controlo apresentam uma correlação positiva forte para o pai e para a mãe. A variável que apresentou relação fraca negativa com a baixa auto-estima das crianças e adolescentes, foi a variável hostilidade tanto da mãe como do pai. Perante os resultados deste estudo e face à literatura apresentada, pode salientar-se que o estilo autoritário praticado pelos pais não se revela positivo para o desenvolvimento de uma auto-estima saudável nas crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Auto-estima; Autoritário; Estilos Parentais; Filhos; Pais.

Abstract

The following investigation aimed to understand the relationship between parental styles, specifically authoritarian parental style versus permissive parental style as to their influence in self-esteem of children and teenagers. Variables as age, gender and special education needs of children and teenagers were evaluated in this study. This study sample englobes a total of 1102 students, represented by 318 students enrolled in the 3rd grade of middle school, 426 in the 4th grade, 251 in the 5th grade, and lastly 106 students in the 6th grade. Subjects ages are within 8 and 17 years old with a standard deviation of 1,32. Female gender represents 56% of this study sample. Data has been collected through the application of questionnaires assessing Parental Practices - Control and Acceptance, and through the application of Hare's Self-esteem from Kelly's Scale (Kelley, Denny, & Young, 1997), as the application of questionnaires to children about their parental styles and family dynamics, with the intent to assess the following variables: affection, hostility, autonomy and parental control between parents. The results showed that the four variables referent to parental styles employed by the parents as affection, hostility, autonomy and control, shown a strong positive correlation for the mother and the father. The variable that has shown a weak negative relationship with the children's and teenager's self-esteem was the hostility variable for both mother and father. In face of the study results and the presented literature, it can be highlighted that the authoritarian style practiced by the parents, does not reveal to be positive for the healthy development of children and teenager's self-esteem.

Keywords: Self-esteem; authoritarian; Parental Styles; Children, Parental.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – <i>Alfa de Cronbach</i>	41
Tabela 2 - <i>Estatísticas descritivas</i>	41
Tabela 3 - <i>Anova entre género</i>	42
Tabela 4 - <i>Anova entre idades</i>	42
Tabela 5 - <i>Anova NEE (Necessidades Educativas Especiais)</i>	43
Tabela 6 - <i>Correlações</i>	44
Tabela 7 – <i>Regressão Linear –Alta Auto-estima</i>	47
Tabela 8 - <i>Regressão linear baixa auto-estima</i>	48
Tabela 9 - <i>Regressão linear baixa auto-estima feminino</i>	48
Tabela 10 - <i>Regressão linear baixa auto-estima masculino</i>	49
Tabela 11 - <i>Regressão linear alta auto-estima feminino</i>	49
Tabela 12 - <i>Regressão linear alta auto-estima masculino</i>	50
Tabela 13 - <i>Regressão linear alta auto-estima pelas idades de 8 ou 9 anos</i>	50
Tabela 14 - <i>Regressão linear alta auto-estima pelas idades de 10 ou mais</i>	51
Tabela 15 - <i>Regressão linear baixa auto estima idades de 8 ou 9 anos.</i>	51
Tabela 16 - <i>Regressão linear de baixa auto-estima nas idades de 10 ou mais anos</i>	52

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

- AAAUL - Associação de Antigos Alunos da Universidade Lusíada
- ACRL - Association of College and Research Libraries
- ALA - American Library Association
- APA - Agência portuguesa do ambiente
- APA - American Psychological Association
- CMS - Course Management System
- CSS - Cascading Style Sheets
- ECLAS - European Commission Library Catalogue
- ECTS - European Credit Transfer and Accumulation System
- ERIC - Education Resources Information Center
- FBM - Finibus Bonorum et Malorum
- LCSH - Library of Congress Subject Headings
- OCDE - Organisation de Coopération et de Développement Économiques

Sumário

Agradecimentos	V
Resumo	IX
Abstract	XI
Lista de Tabelas	XIII
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	XV
Sumário	XVII
Introdução.....	1
Enquadramento Teórico	3
Adolescência	3
A Construção da Identidade	3
Autoconceito	5
Auto-Conceito e Auto-estima em Adolescentes	7
A Auto-estima	12
Conceito Família	16
O Conceito de Parentalidade	18
Os Estilos Parentais	19
Percepção de Competências Parentais.....	24
Relação entre Sexo dos Filhos e Estilos Parentais	27
As Práticas Educativas e seus Efeitos no Comportamento Infantil.....	28
Estilos Educativos Parentais e Auto-Estima	33
Objectivos.....	35
Metodologia	37
Participantes	37
Instrumentos.....	38
Práticas parentais - controlo e aceitação	38
Auto-estima	38
Procedimento.....	39
Resultados.....	41
Discussão	53
Conclusão	59
Referencias	61

Introdução

A auto-estima entende-se como um conceito complexo, relacionado com o equilíbrio emocional uma vez que esta componente está relacionada com o facto de gostar de si, acreditar no seu potencial e confiar na sua capacidade. Podemos assim dizer que a auto-estima é uma variável que determina a forma como as pessoas se relacionam com o mundo e encaram os desafios do quotidiano. Assim sendo, esta afecta todos os aspectos da experiência. A auto-estima releva-se, por isso, uma variável importante na construção de um indivíduo saudável.

Assim revela-se uma dimensão de extrema importância na vida, tornando-se pertinente estudar os elementos que podem afectar esta dimensão.

A actual dissertação enquadra-se no projecto final do mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade Lusíada de Lisboa, terá como objectivo compreender a relação entre os estilos parentais, nomeadamente estilos parentais autoritários *versos* estilos parentais permissivos e sua influência na auto-estima das crianças e jovens.

A dissertação é constituída primeiramente pelo enquadramento teórico, onde são abordados os conceitos como: auto-estima, autoconceito, estilos parentais, qualidade de vida dos filhos, adolescência, construção da identidade, autonomia na adolescência, saúde mental, dinâmica familiar, rejeição, controlo parental, afecto, percepção, auto-percepção, auto-imagem, bem-estar, percepção de competências parentais e práticas educativas e seus efeitos.

Numa parte final são apresentadas as considerações finais de toda a investigação, bem como as suas limitações e investigações futuras nesta temática.

Enquadramento Teórico

Adolescência

Segundo a Organização Mundial de Saúde (1999), a adolescência ocorre na faixa etária entre os 10 e 19 anos. É caracterizado por ser um período em que ocorrem grandes transformações e aquisições, tanto ao nível físico, como social, cognitivo e, sobretudo, na definição da identidade psicossocial. Entre os 13 e os 15 anos de idade, a principal função do adolescente é tornar-se numa pessoa fisicamente segura de si mesma. Uma das formas de analisar a adolescência é a partir do estudo de como o adolescente se comporta no seu contexto social através das suas capacidades e competências adquiridas, como novas formas de pensar, novos desejos, necessidades, novo corpo ou novos interesses (Oliva, 1999).

Para a criação da sua identidade, o adolescente procura a uniformidade que lhe pode garantir a segurança e a auto-estima (Sousa, 2006).

A família executa um papel essencial, uma vez que as suas influências são as que ocorrem primeiro e são as mais persistentes, assim sendo as relações familiares representam as relações posteriores fora do âmbito familiar em vários contextos como social, cultural, moral e emocional (Kulik, 2002).

A Construção da Identidade

A construção da identidade é percebida como a tarefa mais importante da fase da adolescência, essencialmente é a transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silveiras, 2003).

Segundo Erikson (1972), a identidade é uma concepção de si mesmo, constituída por valores, crenças e metas. A identidade arrecada a influência de factores intrapessoais, de factores interpessoais e de factores culturais. O sentimento de ter uma identidade pessoal acontece de duas formas: primeiramente é aperceber-se como um ser humano contínuo no

tempo e no espaço, e a segunda é perceber que os outros reconhecem essa semelhança e continuidade.

Kimmel & Weiner (1998), segundo estes autores, quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais o indivíduo valoriza o modo em que é parecido ou diferente dos outros, contudo, sabe e reconhece as suas limitações e capacidades, caso contrário o indivíduo tem necessidade do apoio e de opiniões externas para se avaliar.

Erikson (1972) ressaltava a importância da segurança para o adolescente enfrentar todas as transformações – físicas e psicológicas. A segurança é construída pelo seu ego em todos os estádios anteriores. Esse sentimento de identidade expressa-se em questões como: *sou diferente dos meus pais? O que sou? O que quero ser?* Devido à procura das respostas a estas questões, o adolescente pretende encaixar-se num papel na sociedade, surgindo também as questões sobre as escolhas vocacionais, dos grupos que frequenta, das suas metas para o futuro e/ou da escolha do par. (Rabello & Passos, 2007).

A procura do adolescente para encontrar um papel na sociedade causa confusão de identidade e preocupação com a opinião dos outros, fazendo com que o adolescente modifique as suas atitudes, remodelando a sua personalidade. A confusão ocorrida na construção da identidade pode provocar no adolescente sentimentos de vazio, isolamento, ansiedade, sensação de incapacidade de se encaixar no mundo adulto, levando por vezes a um estado de regressão. Quando a identidade estiver formada, o indivíduo é capaz de ser estável com os outros, alcançando uma lealdade para consigo mesmo, estabelecendo, deste modo uma identidade contínua (Erikson, 1972).

Para Fleming (1983), o adolescente experimenta diferentes papéis ao longo da sua construção. O grupo passa a assumir o papel principal permitindo a partilha de segredos e experiências fundamentais para o desenvolvimento da personalidade (Sampaio, 2006).

É na fase da adolescência que surgem as relações de amizade baseadas na intimidade, os adolescentes escolhem o seu círculo de amigos conforme os interesses, valores, crenças e atitudes possam ou não ser semelhantes, revelando assim numa maior segurança nas suas relações (Cordeiro, 2006).

A relação com o grupo de pares assume um papel central na vida do adolescente, no entanto é fundamental que os pais não negligenciem o seu papel. A importância de ser amado, desejado e preferido pelos outros constitui uma questão de saúde mental na adolescência (Matos, 2005).

A definição de apoio social refere-se a funções desempenhadas por um grupo para um sujeito em determinadas situações da sua vida, podendo ser esse grupo constituído por familiares, amigos, vizinhos, entre outros – rede de relações sociais. O apoio social pode variar com o tempo, pois ocorrem mudanças nas relações, particularmente pais e pares e a sua influência é essencial no desenvolvimento do adolescente, destacando-se a importância do apoio emocional, lealdade, compreensão e intimidade (Antunes & Fontaine, 2005).

Actualmente, as famílias analisam a adolescência como um processo de transformação e mudança natural, é contudo, um período crítico na relação pais-filhos, em que muitas vezes os primeiros sofrem ao compreenderem que os filhos já não lhes pertencem, mas pertencem a si próprios, sendo esta uma transição que gera conflitos e problemas na comunicação familiar, e em caso extremos pode levar a comportamentos de risco (Oliveira, Amâncio & Sampaio, 2001).

Autoconceito

O autoconceito revela-se importante na medida em que é formado pelo próprio indivíduo a partir da ideia que os outros têm dele, fazendo este relacionar-se com outros

indivíduos e com o meio, de modo a satisfazer as necessidades básicas que criam a sua personalidade, condicionando assim a sua conduta e permitindo-o ser um indivíduo realizado.

Goñi e Fernández (2009) apresentam uma visão integrativa do autoconceito.

Shavelson et al. (Goñi; Fernández, 2009, p. 32) abordam o autoconceito como “a percepção que uma pessoa tem de si mesma, que se forma a partir das experiências e relações com o meio, em que desempenham um importante papel tanto os reforços ambientais como os outros significativos”. (Zacharias, 2012)

Atentam, Goñi e Fernández (2009) que o autoconceito tem um aspecto descritivo, assim sendo a pessoa faz descrições de si mesma, dos seus atributos físicos, qualidades emocionais, como se o indivíduo realizasse uma auto-avaliação sobre as suas condutas e qualidades/defeitos.

As autoras defendem ainda que a definição do autoconceito apresenta as seguintes particularidades: estar organizado e estruturado, ou seja, o indivíduo categoriza a informação sobre si mesmo, relacionando estas categorias entre si; tem carácter evolutivo, existindo um desenvolvimento ao longo da vida, com base nas situações experienciadas; apresenta uma forma multidimensional, ou seja, assume vários domínios, como o autoconceito académico, o social, o pessoal e o físico.

Fazem parte do autoconceito pessoal as ideias que cada um tem de si mesmo, possuindo então, quatro dimensões: o autoconceito afectivo-emocional, o autoconceito ético-moral, o autoconceito da autonomia e o autoconceito da auto-realização.

Já Mosquera (citado por Mendes *et al.*, 2012) entende o autoconceito como ““[...] aquilo que pensamos ser e envolve a nossa pessoa, nosso carácter, o status, a aparência e, ao mesmo tempo a nossa necessidade de nos projectar além do tempo””.

Segundo Veiga (2012), o autoconceito assiste na compreensão de como uma pessoa se percebe a si mesma, permitindo assim prever a algum nível os seus comportamentos.

Vários são os autores na literatura que caracterizam o autoconceito como um constructo psicológico que acreditam que assume um papel entre um bom rendimento académico, desempenho desportivo ou adaptação profissional (Jackson, Thomas, & Marsh, 2001; Peixoto, 2003).

Para Bandura (1986), este construto é “uma visão que o indivíduo possui acerca de si próprio, sendo que esta visão é formada com base na sua experiência directa e na sua observação e avaliação de pessoas significativas”. Deste modo, caracteriza-se por ter um aspecto avaliativo, permitindo assim ao indivíduo avaliar e ajustar os seus comportamentos como adequados ou não.

Segundo Harter (1999) a caracterização do autoconceito é um julgamento que a pessoa faz sobre as suas próprias capacidades, da área cognitiva, social ou física. Para a autora, o autoconceito é como um sistema de representações acerca do *self*, que influenciara a forma como o individuo se sente e orienta as suas acções (Harter, 1993).

Coll, Marchesi e Palácios (2004) acreditam que o autoconceito está ligado à imagem que cada um tem de si como um ser individual.

Goñi e Fernández (2009, p. 28) elucidam as diferenças entre autoconceito e auto-estima. Defendem que o autoconceito está relacionado com o que cada pessoa percebe sobre si, fazendo referência à dimensão cognitiva, enquanto que a auto-estima refere-se ao apreço, estima, amor que sentimos por nós, tendo uma vertente avaliativa ou afectiva.

Auto-Conceito e Auto-estima em Adolescentes

Rosenberg (1965) definiu a auto-estima como sendo a avaliação que a pessoa efectua e mantém em relação a si própria, a qual implica um sentimento de valor, reunindo uma

componente predominantemente afectiva, expressa numa atitude de aprovação e/ou desaprovação em relação a si mesma. A auto-estima é somente um componente do auto-conceito, o qual o autor define como totalidade de pensamentos e sentimentos individuais tendo como referência a própria pessoa como um objecto. Ao lado da auto-estima, a auto-eficácia ou auto-domínio e a autoidentidade também são partes importantes do auto-conceito (Romano, Negreiros & Martins, 2007). Rosenberg (2003) salienta que a auto-estima é desenvolvida através das experiências de vida de cada indivíduo. Harter (2000) referiu que a auto-estima se baseia no quanto a pessoa se sente adequada em determinados domínios que são particularmente importantes. Em estudos realizados com crianças Harter identificou cinco principais domínios: a competência académica, a competência atlética, a igualdade com os pares, a aparência física e conduta comportamental. Para os adolescentes associam-se mais três domínios: a atracção romântica, a amizade e a competência no trabalho.

Segundo Vaz Serra (1986), a auto-estima é o aspecto mais importante do auto-conceito, estando associada a aspectos avaliativos que o sujeito elabora a seu respeito, baseado nas suas competências e desempenhos. Também Pelham e Swann (1989) enfatizaram a importância dos factores cognitivos e afectivos da auto-estima, considerando que a sua organização é complexa.

Assim identificaram três componentes na auto-estima global: a tendência para experimentar estados afectivos positivos e negativos, as concepções específicas de si mesmo, das suas forças e 14 fragilidades, e a forma como os adolescentes “interiorizam” a sua auto-imagem, isto é, a certeza sobre a importância relativa da auto-imagem positiva de si mesmo diante da negativa, e a disparidade entre a auto-imagem real e ideal de si próprio.

Portanto tem vindo-se a dar grande importância ao desenvolvimento da auto-estima, uma vez que se acredita que os adolescentes detentores de autoconfiança e de uma visão

positiva acerca de si próprios possuem uma maior capacidade de aumentar a sua auto-eficácia, de resistir às pressões de grupo para comportamentos de risco. Assim, a construção de uma auto-estima positiva possibilita que os adolescentes tenham a oportunidade de desenvolverem uma auto-eficácia positiva e uma crença na capacidade de controlar vários aspectos da sua vivência educacional ou da sua vida social (Scriven & Stiddard, 2003).

Todos necessitamos crer que somos dignos do respeito, da consideração e do amor dos outros. Quando se tem uma auto-estima positiva, estamos em melhores condições de nos relacionarmos com as pessoas que nos rodeiam e de considerar o presente e o futuro como um desafio que somos capazes de enfrentar (D`Affonseca, 2008). A auto-estima e o auto-conceito de uma criança e sucessivamente de um adolescente, sejam eles positivos ou negativos, desenvolve-se, em grande parte, como resposta às palavras e aos comportamentos dos adultos, sobretudo os pais. Isto é, a ideia que a criança tem do seu valor pessoal, e do facto de se sentir valorizada ou não, é ajustada pelo padrão geral do comportamento dos seus pais. Estes podem ser calorosos, afectivos e compreensivos, mas também podem ser reservados, frios e excessivamente críticos. As posturas emocionais desempenham um papel fundamental na percepção que a criança vai formando de si própria.

A auto-estima não depende do que o pai ou mãe diz especificamente, mas sim das atitudes que evidenciam a preocupação e o afecto. Uma simples demonstração de interesse pode mostrar à criança que ela é digna de apreciação (D`Affonseca, 2008).

Peixoto (2004) realizou um estudo onde se propôs analisar as relações entre a percepção da qualidade da dinâmica relacional estabelecidas no seio familiar, o auto-conceito, a auto-estima e o rendimento académico. Participaram neste estudo 265 adolescentes que frequentavam o 7.º, 9.º e 11.º anos, dos quais 143 eram raparigas e 122 rapazes. No que se refere ao sucesso académico, 92 tinham reprovado um ou mais anos

escolares, enquanto 168 nunca tinham reprovado. A percepção da qualidade do relacionamento familiar produz efeitos nalgumas dimensões relacionadas com a escola como no comportamento e na competência a português, também se verifica efeitos nas dimensões interpessoais como a aceitação social e atracção romântica e na aparência física. Antunes, Sousa, Carvalho, Costa, Raimundo, Lemos, Cardoso, Gomes, Alhais, Rocha & Andrade (2006) estudaram a auto-estima e os comportamentos de saúde e de risco no adolescente. Participaram 645 estudantes com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos de idade. Verificaram que as raparigas apresentam mais baixa auto-estima do que os rapazes mas só a partir dos 14 anos, idade em que os valores médios da auto-estima sofrem uma quebra significativa.

Conforme Oliveira (2000), muitos autores ressaltam a auto-imagem como a chave da personalidade e do comportamento humano. É um componente descritivo que acompanha a auto-estima. Os dois elementos formam o que se denomina autoconceito. Este configura a identidade do sujeito que é uma conquista do amadurecimento emocional mas que está presente em cada estágio do amadurecimento, qualificando a interacção entre o sujeito e o ambiente até que se converta numa identidade unitária, dotada de uma realidade psíquica interna estabelecida, um sentido pessoal e de conflitos instintivos (Bertolini & Melo Silva, 2005).

O auto-conceito da criança em idade pré-escolar é concreto e as auto-percepções estão ligadas a características visíveis. Na idade escolar, este auto-conceito concreto muda gradualmente para uma autodefinição mais abstracta, mais comparativa e generalizada, passando a ter um conteúdo de carácter psicológico, cognitivo e social (Cia & Barham, 2005).

Aos poucos, o *self* (eu) passa a ser descrito mais em termos internos e psicológicos, do que com base em atributos externos e físicos. Concomitante à elaboração dos aspectos psicológicos do seu autoconceito, a criança vai descobrindo e elaborando a dimensão social do seu Eu. Já, na pré-adolescência, quando a habilidade para reflectir os seus próprios pensamentos e comportamentos emerge, o autoconceito tornar-se altamente instável, principalmente porque há uma influência muito grande da percepção dos outros sobre si mesmo (Kansi, Wichstrom & Bergman, 2003). A noção de autoconceito como o principal constructo afetivo-emocional é um predizer crítico do rendimento académico, sendo que, crianças com baixo autoconceito tendem a ter um baixo rendimento académico, o que por sua vez, incrementa a avaliação negativa de si mesmo, mantendo um círculo vicioso (Chapman, Tunmer & Prochnow, 2000; Del Prette & Del Prette, 2005; Formiga, 2004; Guay, Marsh & Boivin, 2003; Hong & Ho, 2005; Marturano, 2004, citado por Cia & Barham, 2008).

De uma maneira geral, pode-se dizer que o sujeito faz constantemente uma revisão da sua auto-imagem e uma reformulação do auto-conceito com o eco da auto-estima, com base no que elabora como projecto de vida pessoal e profissional (Oliveira, 2000).

Possuir um elevado senso de auto-estima, ter tendência a atribuir causas de sucessos e de fracassos aos esforços e à falta deles, são variáveis psicológicas bem como motivacionais, essenciais para o empenho e utilização de estratégias cognitivas e metacognitivas por parte dos adolescentes. Os adolescentes precisam primeiramente, acreditar que são capazes de desempenhar uma tarefa correctamente para que se interessem em ajustar-se na mesma (Bertolini & Melo Silva, 2005).

Dois grandes objectivos educacionais seriam: 1) levar os alunos a atingirem o mais alto grau de qualidade possível nas aprendizagens e 2) convertê-los em aprendizes autónomos, ao invés de receptores passivos daquilo que é proposto ou imposto pela estrutura

de poder dominante dentro da sala de aula (Bzuneck, 2001, citado por Bertolini & Melo Silva, 2005).

Ambientes que promovam a cooperação (ao invés de competição), que respeitem as diferenças individuais e valorizem as diversas capacidades do ser humano (ao invés da ênfase na capacidade intelectual) são fundamentais na promoção da motivação para a aprendizagem adequada (Bertolini & Melo Silva, 2005).

A autonomia pode ser compreendida como a capacidade de o indivíduo decidir e agir por si mesmo. Uma das tarefas desenvolvimentais desejadas que os adolescentes obtenham na adolescência é a autonomia, o alcance desta e de outras competências estaria relacionado com os estilos educativos adoptados pelos pais, que deste modo podem auxiliar ou dificultar a aquisição das competências. (Reichert, 2006).

Kobak, Cole, Ferenz, Gillies, Fleming & Gamble (1993) e Fleming (2005) mencionam que um grau elevado de autonomia estaria relacionado com um maior nível de maturidade ou desenvolvimento do adolescente.

Assim sendo a qualidade das relações pais-filhos contribui em grande medida para se determinar se processo vivido na adolescência será problemático ou será executado de forma saudável (Allen, Hauser, Bell & O'Connor, 2002).

A Auto-estima

Para Branden (2002), a auto-estima quando internalizada é a percepção de que somos adaptados para a vida e as suas exigências, assim sendo, a auto-estima caracteriza-se por: 1. Confiança na nossa capacidade de pensar; 2. Confiança no nosso direito de sermos felizes e realizados, nomeadamente na sensação de que temos valor, de que merecemos afirmar as nossas necessidades e aquilo que queremos alcançar, assim como colher os frutos dos nossos esforços. A auto-estima constrói-se nas relações familiares e é consolidada através da

ampliação de relações sociais saudáveis. Por isso, uma educação baseada em valores como amor, respeito, valorização, competência e bondade do indivíduo são fundamentais para um desenvolvimento da auto-estima de forma saudável.

Branden (2002) correlaciona auto-estima com racionalidade, realismo, intuição, criatividade, independência, flexibilidade, bem como a habilidade para lidar com mudanças e corrigir erros. Por sua vez a auto-estima baixa correlaciona-se com irracionalidade, negação diante da realidade, modo de agir rígido com medo de situações novas, um certo conformismo ou supercontrolo acompanhado de medo dos outros ou até mesmo apresentando hostilidade em relação a estes. Assim segundo este autor, quanto mais baixa for a auto-estima que detemos, maior será a necessidade de provar quem somos. Consequentemente possuímos relações mais inadequadas, doentias, dificuldades na comunicação e sentimentos de inferioridade diante do outro. A auto-estima é uma consequência de atitudes geradas internamente, deste modo, ao desenvolvermos determinadas atitudes podemos promover auto-estima bem como incentivar a auto-estima dos outros.

No manual do Cuidando do Cuidador - Resgate da Auto-estima na Comunidade, Barreto (2010) defende que a auto-estima centra-se nas relações, ou seja, na consciência e na construção da identidade do “eu”. Esta germina através das relações com os outros, como se o outro fosse um espelho e pela forma como o outro nos vê, assim se constrói a imagem e auto-estima.

Desde modo este autor abordou a auto-estima em seis pilares, os seis pilares da auto-estima. O 1º Pilar: “A atitude de viver conscientemente” Para Branden (2002) é fundamental ter consciência das causas dos nossos actos. Viver ciente dos nossos valores e objectivos, da nossa capacidade, viver de forma responsável perante a realidade, ter a mente activa,

distinguir a relação entre os factos, a sua interpretação e as emoções, tanto quanto ter discernimento e coragem.

O 2º pilar: “a atitude da auto-aceitação” baseia-se na concepção que sem auto-aceitação não existe auto-estima. A auto-estima é o que experimentamos, a auto-aceitação é o que fazemos. Barreto (2010) elucida que auto-aceitação é a percepção de valor próprio, “tenho valor”, que “sou capaz”. Quando não nos aceitamos o corpo vai falar através de vários sintomas: gastrites, úlceras. Todo o ser humano é imperfeito, por isso é fundamental aceitarmo-nos. A auto-aceitação envolve a ideia de ser amigo de si mesmo, aceitando as imperfeições, os conflitos e até mesmo a nossa grandeza.

O 3º pilar refere-se a “a atitude da auto-responsabilidade” De acordo com Branden (2002), este pilar centra-se em ser responsável pela realização de desejos, escolhas, actos, modos de trabalho, vivência de relacionamentos, o comportamento com os outros, a qualidade das comunicações, por aceitar e escolher os valores que experiênciamos. Se errei, reconheço, peço perdão, desculpo, corrijo. Diz um filósofo alemão: “*Não me envergonho de mudar porque não me envergonho de pensar.*” (Barreto, 2010)

Segundo Branden (2002), “A atitude da auto-afirmação” concerne a disposição para honrar vontades, desejos, necessidades e valores. A auto-afirmação é aceitar-se possuindo uma infundável qualidades e defeitos, sem necessidade de esconder ou falsificar para poder ser aceite por terceiros.

O 5º- Pilar: “A atitude da Intencionalidade” foca-se na necessidade, estabelecendo metas e objectivos produtivos, assumindo as escolhas com responsabilidade e de forma consciente. Para Branden (2002) é indispensável desenvolver dentro de nós a capacidade da autodisciplina vista por este autor como uma virtude de sobrevivência. Esta atitude contempla os seguintes configurações: identificar os actos necessários para alcançar os objectivos;

monitorar o comportamento para que este esteja em sincronia com os objectivos estabelecidos e ter atenção aos resultados dos próprios actos, para fazer uma melhor análise e ponderar se estes levam ao objectivo traçado.

“A atitude da integridade pessoal” refere-se ao 6º- Pilar, focado na Integridade, este é a incorporação das ideais, das convicções, dos critérios, das crenças e dos comportamentos. Integridade engloba a congruência dos nossos actos, valores, compromissos e prioridades. É ser íntegro consigo, entender o porquê das suas acções, reconhecer erros e pedir perdão, reparar os danos causados e comprometer-se. É sobretudo agir com os outros de forma como gostaríamos que agissem connosco.

A auto-estima é um determinante de bem-estar (Baumeister et al., 2003). A auto-estima revela importância para o desenvolvimento humano, onde é necessário um equilíbrio emocional e cognitivo, uma boa saúde mental e relações sociais satisfatórias (Quiles & Espada, 2007).

Segundo Bizarro (1999), os domínios mais importantes na adolescência para a construção da auto-estima são os seguintes, a imagem corporal, a aceitação do grupo de pares, o desempenho escolar, a competência atlética e o comportamento geral.

Existe uma relação estreita entre os conceitos autoconceito e auto-estima, estas são dimensões de uma só realidade, a cognitiva (autoconceito) e a afectiva (autoestima) (Garcia & Musitu, 1999, cit. por Quiles & Espada, 2007).

Harter (1990, 1999), acredita que a auto-estima pode ser caracterizada como uma forma de avaliar o autoconceito, sendo construída e consolidada ao longo do tempo pelas relações com os outros e da imagem que os outros projectam sobre o indivíduo. Já a auto-estima opera como um filtro do comportamento do jovem nomeadamente na área escolar, familiar e social. Assim um jovem que tenha uma baixa auto-estima, sentir-se-á incapaz de

fazer certas coisas, o que terá por sua vez efeitos no seu autoconceito, já na auto-estima elevada pode proporcionar o equilíbrio da vida pessoal, profissional e social. (Quiles & Espada, 2007).

Harter (1993) reforça a importância que para uma boa construção da auto-estima do adolescente é essencial o desenvolvimento de uma atitude positiva por parte daqueles que o rodeiam, podendo a auto-estima revelar-se um factor de risco potenciando o consumo de drogas as condutas delinquentes, as perturbações psicológicas como a depressão, o suicídio e problemas de stress. Os estudos com crianças e jovens com valores baixos de auto-estima revelam dificuldades escolares e maus resultados escolares. A baixa auto-estima também se relaciona com os transtornos psicológicos, como ansiedade; fobia social; problemas sexuais e de identidade sexual; bem como problemas de comportamento alimentar: bulimia nervosa, anorexia nervosa; e ainda problemas de personalidade: perturbação narcisista da personalidade e evitante da personalidade (Quiles & Espada, 2007).

Conceito Família

Palácio (1998) entende a família como sendo um conjunto de pessoas que partilham um projecto vital de existência comum e duradouro, onde estão presentes sentimentos de pertença e compromisso pessoal entre os membros, que por sua vez são criadas relações de intimidade, dependência e reciprocidade.

Porém, com o passar dos anos as estruturas familiares têm sofrido alterações, levando a uma redefinição dos papéis parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2001).

Para Bronfenbrenner (1979/1996), a família é o primeiro ambiente em que a criança participa sendo a mãe a primeira pessoa com quem cria uma relação próxima. A criança vai desenvolvendo relações com os restantes membros da família posteriormente. Vizando-se aa

relação pai-criança, irmão-criança, traduzindo os subgrupos dentro do microsistema - sistema familiar.

Bronfenbrenner (1977; 1996), defende a bidirecionalidade de influências, sendo esta composta por interações realizadas pelos indivíduos entre outros indivíduos, bem como pelos contextos onde estes estão inseridos, sendo que, por sua vez o próprio indivíduo tem influência sobre os referidos contextos. As diferentes estruturas são denominadas pelo autor de macrosistema, exosistema, mesosistema e por fim de microsistema.

O macrosistema é o ambiente que alberga todos os outros sistemas, dando referência às sociedades onde está o indivíduo onde é feita a influência cultural. Por sua vez, o exosistema caracteriza-se por ser o ambiente no qual o indivíduo (ou criança) não participa, mas que pode influenciar de forma indirecta na vida desta. O mesosistema contém um conjunto de ambientes mais restritos como a vizinhança e a escola onde a criança se encontra inserida. Já os microsistemas são os ambientes onde a criança tem interações directas (Bronfenbrenner, 1996).

A família como microsistema, é percebida pelas crianças como sendo as criadoras de afecto, bem-estar, apoio, segurança e protecção. Se estes factores se verificarem e forem utilizados nas suas rotinas diárias, criam para a criança noção de estabilidade e sensação de segurança que possibilita deste modo o seu desenvolvimento. (De Antoni, Medeiros, Hoppe & Koller, 1999)

Ao fazer-se a análise de uma família, é importante ter em conta a sua estrutura e a sua dinâmica. Quanto à estrutura, podem existir três tipos de famílias: a família nuclear, a família alargada e a família monoparental. Assim sendo a família nuclear é constituída pelos pais e respectivos filhos do casal; a família alargada é constituída pelo casal, os seus filhos e ainda

outros elementos como por exemplo avós e primos; por último temos a estrutura de uma família monoparental que é constituída por um dos pais e pelos seus filhos (Cole *et al.*, 2005).

Quanto à dinâmica familiar, esta consiste na relação estabelecida entre os pais e os filhos, podendo ser observada através de interacções familiares, especialmente através dos estilos parentais (Benetti & Balbinotti, 2003; Cole *et al.*, 2005).

O Conceito de Parentalidade

É evidente a importância da qualidade da parentalidade sendo esta um importante preditor do desenvolvimento da criança. Sabe-se que os pais são geralmente as figuras de destaque na qualidade de vida da criança, sendo primordialmente os responsáveis pela aquisição de normas sociais introduzindo conceitos como autoridade e gestão do conflito (Pasquali, et al., 2012).

A investigação da parentalidade teve o seu início na década de oitenta, suportada pelas primeiras teorias que afirmavam que a parentalidade estaria directamente relacionada com as capacidades cognitivas e sociais da criança (Barros, 2015).

O conceito de parentalidade não está apenas associado aos pais biológicos. O exercício da parentalidade constitui transformações a nível físico e emocional para os pais, (Sousa, 2006).

Os pais conhecem os filhos através do cuidado parental. Este cuidado engloba o controlo, supervisão, afecto, compromisso e responsabilidade (Pasquali et al., 2012).

Os pais realizam uma parentalidade eficaz quando são capazes de reconhecer as necessidades da criança, satisfazendo-as adequadamente (Ferreira et al., 2014).

Tal como o conceito de família, também o conceito de parentalidade tem vindo a sofrer modificações. Isto deve-se em grande medida às mudanças ocorridas na sociedade, tais como o facto de actualmente a mulher investir numa carreira profissional, e também pelo

modo como é hoje realizado o investimento na saúde e na educação das gerações futuras. Estes factores têm contribuído fortemente para uma menor supervisão parental (Araújo, 2015).

A relação parental inicia-se na concepção do bebé e esta define-se como a primeira ligação ao novo ser. É através desta componente social que os pais dão resposta às necessidades dos filhos, onde é também transmitido apoio emocional, carinho e empatia (Ferreira, et al., 2014).

Deste modo os pais são essencialmente os primeiros responsáveis pelo desenvolvimento da criança e da sua conduta. É da responsabilidade destes de escolher contextos tais como, o local onde vivem, a escola que os filhos frequentarão e onde realizarão as suas actividades extracurriculares, entre outros. (Barros, 2015).

Os Estilos Parentais

Os estilos parentais integram comportamentos que são dirigidos à criança para o seu desenvolvimento, sendo estes definidos por conjuntos de comportamentos que os pais têm na sua interacção com os seus filhos. (Pasquali, et al., 2012).

As práticas parentais são moldadas e influenciadas pela sua própria experiência como filhos, que afecta a sua experiência como pais (Barros, 2015).

Os estilos parentais educativos remetem para o conceito de educar, assegurando que todas as actividades físicas, mentais e éticas levem ao desenvolvimento das crianças. (Araújo, 2015).

Diana Baumrind (1968), psicóloga clínica, individualiza os estilos parentais em três: estilo autoritário, o estilo democrático e o estilo permissivo. As diferenças destes estilos parentais apontados pela psicóloga, podem ser identificados através da comunicação com as crianças, da autonomia e da maturidade (Araújo, 2015).

O estilo autoritário é o mais utilizado de entre os estilos parentais existentes, sendo este estilo caracterizado por um elevado grau de controlo dos pais sobre os seus filhos (Rochinha & Sousa, 2012).

Os pais que praticam este estilo são caracterizados por implementarem ordens e normas rígidas, com punições severas, não permitindo que essas mesmas ordens sejam discutidas ou modificadas. (Reichert & Wagner, 2007).

Estes pais têm elevado nível de exigência e um baixo nível de afecto, defendendo sempre máximos níveis de respeito, disciplina e obediência. Os seus filhos são essencialmente crianças que adoptam atitudes mais submissas, respeitando as ordens e recorrendo pouco ao diálogo (Pasquali, et al., 2012).

Já o estilo democrático é caracterizado por pais que educam de uma forma racional. Apesar de considerarem o controlo igualmente importante estão abertos a sugestões por parte dos seus filhos, permitindo um maior nível de liberdade e autonomia (Rochinha & Sousa, 2012).

Em relação ao estilo autoritário, demonstram um maior nível de afecto e respeitam as necessidades e os desejos dos seus filhos. Praticam uma supervisão firme e responsável, ao contrário do estilo autoritário, apreciam o diálogo e explicam as razões pelas quais são implementadas as regras (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015).

Estes pais são percebidos como modelos de referência, levando as crianças a ter um papel autónomo na conduta dos seus próprios comportamentos (Reichert & Wagner, 2007).

Os filhos cujos pais desempenham um estilo parental democrático, revelam-se crianças com bom aproveitamento escolar e ajustamento emocional, que por sua vez têm menos perturbações do comportamento e menos comportamentos de delinquência. O estilo

parental democrático é considerado o mais adequado para o desenvolvimento infantil, permitindo que a criança explore o meio de forma consciente, com elogios e comportamentos de afeto (Pasquali, et al., 2012).

Por último, o estilo parental permissivo é considerado o estilo onde menos regras são impostas. Pais que praticam este estilo, não fazem controlo sobre os seus filhos. (Rochinha & Sousa, 2012).

Não empregam punições nem limitações para com os seus filhos e revelam pouca maturidade (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015).

Os pais com o estilo permissivo procuram satisfazer as necessidades dos seus filhos, contudo não são exigentes (Reichert & Wagner, 2007).

O seu empenho no desenvolvimento da criança é muito baixo ou até mesmo nulo, certificando-se apenas que as suas necessidades básicas estão saciadas (Cecconello, Antoni, & Koller, 2003).

Baumerind (1979) realizou uma investigação em 1959, composta por crianças em idade pré-escolar e os seus pais. Este estudo, de carácter longitudinal, teve como objectivo envolver as etapas de desenvolvimento das crianças entre os 4 e os 5 anos (pré-escolar), as crianças com 9 anos (período escolar) e as crianças entre os 13 e os 15 anos na etapa da pré-adolescência, e seus respectivos pais (Araújo, 2015).

Foram definidos quatro estilos parentais: o autoritário, o democrático, o indulgente e o negligente. O estilo negligente e o estilo indulgente, distinguem-se através da componente afectividade sendo que o estilo negligente é caracterizado por níveis de afectividade baixos e o estilo indulgente é caracterizado por altos níveis de afectividade. Ambos fazem parte do estilo permissivo, mas com esta particularidade distinta na componente afectiva (Cecconello, Antoni, & Koller, 2003).

A parentalidade indulgente é exercida por pais liberais que não regulam o comportamento dos filhos por isso é caracterizada por um baixo envolvimento no controlo. Já a parentalidade negligente é caracterizada por níveis de exigência baixos e um interesse muito diminuído pelos problemas da criança (Weber, Prad, Viezzer, & Brandenburg, 2004).

Maccoby e Martins (1983) consideram ainda duas dimensões da parentalidade importantes na prática educativa sendo estas a exigência e a responsividade. A exigência é determinada por práticas parentais educativas, como o controlo das crianças e a imposição de regras, enquanto a responsividade envolve o apoio emocional, a compreensão, a sensibilidade e sentimentos de compromisso por parte dos pais (Pasquali, et al., 2012).

Segundo (Gomide 2003) as práticas parentais positivas concretizam-se na monitorização positiva e na conduta moral, sendo que as práticas parentais negativas são por si compostas pela negligência, o abuso físico e psicológico, o castigo inconsistente e a monitorização negativa (Prust & Gomide, 2007).

A investigação pertencente à dinâmica entre pais e filhos tem revelado que os pais mostram interesse em perceber e aprender mais sobre a parentalidade mais adequada, sobretudo em aprender mais sobre a educação, os seus níveis de aprendizagem assim como aspectos do quotidiano como a higiene pessoal. (Goes & Barros, 2015).

A qualidade da parentalidade pode ser afectada, pois consiste numa dinâmica que sofre constantes mudanças, destacando-se a componente social sendo esta o maior preditor da interação entre os pais e filhos. Factores como o nível socioeconómico, a cultura, a idade e o sexo, a dinâmica familiar e o nível de escolaridade dos intervenientes, podem afectar a qualidade da parentalidade (Portugal & Alberto, 2013).

Os pais que possuem menos rendimentos económicos tendem a aplicar castigos físicos com maior frequência e a comunicação é afectada pelo contexto social inseridos.

As famílias com estatutos económicos inferiores por vezes um ou os dois progenitores têm que ter dois empregos, deste modo a comunicação familiar fica afectada, o mesmo acontece com a monoparentalidade. Consequentemente traduz-se em pais com menos qualificações e menos acesso à informação (Magnuson & Duncan, 2006).

Sobre a cultura, a parentalidade pode ser afectada pelo contexto social em que a família está inserida bem como pelas suas atitudes e crenças. A investigação evidência que em contextos rurais, os pais abordem com pouca frequência alguns temas tabus como a sexualidade e o consumo de substâncias. Sendo que a reduzida informação que os pais têm é causada pela falta de conhecimento e pelas barreiras culturais (Jiménez & Delgado, 2002).

Factores relacionados como a idade e o sexo do progenitor podem alterar a dinâmica familiar. Uma forte alteração na dinâmica familiar surge na altura da puberdade, onde o jovem tende a partilhar menos informação com os seus pais, ou a partilhar mais apenas com um dos progenitores sendo que nesta fase os jovens preferem partilhar informação com os colegas. A informação que é partilhada com os pais, é referente apenas a aspectos do dia-a-dia e com pouca reflexão (Jiménez & Delgado, 2002).

As jovens são mais expressivas, apreciam uma comunicação com os seus pais, abordando temas como as frustrações, medos e sentimentos, já os jovens do sexo masculino são mais reservados, não comunicando tanto (Portugal & Alberto, 2013).

É na fase da adolescência que advêm as situações de maior conflito entre os jovens e os pais, influenciando na qualidade da parentalidade (Jiménez & Delgado, 2002).

Com o avanço das novas tecnologias, confirma-se que a convivência entre filhos e pais é cada vez menor sendo o controlo parental e a comunicação mais pobre, influenciando também na qualidade da parentalidade (Portugal & Alberto, 2013).

Percepção de Competências Parentais

Segundo o modelo de Secunda (1992), o modo como os filhos percebem os pais pode dividir-se em cinco estilos: “Bons Pais”, caracterizados como afectuosos e interessados; Pais “Apaixonados” que por sua vez são muito mais envolvidos na vida dos filhos; “Pais Distantes” com baixo nível de comunicação e com comportamentos passivos; “Pais Sedutores” caracterizados por serem sexualmente agressivos; e por último os “Pais Exigentes” com comportamentos intimidatórios, empregando regras rígidas e até mesmo violência física e verbal para que os filhos cumpram com as suas exigências (cit. por Carranza, Kilmann & Veldmia, 2009).

Carranza e Kilmann (2000), dizem que a auto-estima mais elevada na criança, tem por base uma relação positiva e de segurança entre pais e filhos, que por sua vez está correlacionada com percepções positivas por parte dos filhos em relação aos seus pais. Por sua vez um baixo envolvimento afectivo parental e um baixo nível de segurança na relação pais/filhos leva a percepções negativas por parte dos filhos em relação aos pais.

Gilmore e Cuskelly (2008), referem que um desenvolvimento harmonioso dos filhos está positivamente associado a percepções positivas sobre parentalidade por parte dos pais, e consequentemente a um sentimento de competência parental. Pais que se percebem como confiantes e competentes tendem a adoptar práticas educativas e parentais mais adequadas e eficientes, o que vai reforçar as suas competências parentais. As características das crianças têm impacto nos sentimentos dos pais e por consequência na sua percepção de eficácia.

Para Halpen e McLean (1997) sugerem que quanto mais problemas comportamentais os filhos apresentam, maior é o sentimento de ineficácia por parte das mães, que por consequência experienciam baixos níveis de auto-eficácia. Para os pais que possuem baixos

níveis de competência, medidas impulsivas como gritar ou bater são por norma as adoptadas, (Hann, Prinzie & Dekovic, 2009).

Desta forma é observável que o comportamento dos filhos pode reforçar a percepção que os pais têm das suas competências (Halpern & McLaen, 1997). Por consequência, é aparente que o sentimento de competência parental encontra-se intimamente relacionado ao sentimento de auto-eficácia parental (Coleman & Karraker, 2003; cit por Hann et al., 2009).

Estudos demonstram que mães que têm maior experiência com crianças ou que têm um segundo filho, apresentam uma maior percepção de auto-eficácia (Froman & Owen, 1990).

Factores como a percepção social parecem impactar a percepção das competências que os próprios pais têm sobre si. Este está relacionado com a qualidade do suporte social e com a qualidade da relação entre o casal (Reece, 1993; Reece & Harkless, 1998). Foram encontradas algumas diferenças entre os pais e as mães no sentimento de auto-eficácia parental, pois as mães apresentam dar mais importância, recorrendo a critérios mais rigorosos na sua auto-avaliação, (Reece, 1993; Reece & Harkless, 1998).

Adolescentes que percebem os pais como mais flexíveis, menos controladores e exigentes, apresentam maiores níveis de auto-estima, o que sugere que um desenvolvimento num ambiente de aceitação, oferece uma maior autonomia, permissor de mais oportunidades na aprendizagem de novas competências (Litovsky & Dusek, 1985).

Um estudo intercultural realizado por Scott, Scott e McCabe, em 1991, com o objectivo de analisar as relações familiares e a personalidade das crianças, seleccionou diversas variáveis dependentes, como a auto-estima, a ansiedade, a competência interpessoal e a hostilidade e ainda variáveis como as práticas educativas parentais. O estudo concluiu que, uma boa harmonia familiar e baixos níveis de ansiedade geram uma boa auto-estima, e

que o excessivo proteccionismo ou o uso excessivo de punições por parte dos pais, gera nos filhos baixas competências interpessoais nas relações sociais.

Segundo Elder (1963), pais rígidos e com um comportamento controlador geram um ambiente afectivo frio originador de distância que vai comprometer a auto confiança e a independência dos filhos. Por sua vez pais que impõem mais limites e que têm expectativas firmes perante o comportamento dos filhos, mas que no entanto orientam as crianças recorrendo à razão e a regras, criam um ambiente afectivo mais equilibrado. Por consequência geram filhos mais auto-confiantes e independentes.

A punição física, prejudica a relação de reciprocidade promovendo o seu desequilíbrio, para além de ser percebida como uma forma de os pais exercerem poder sobre os filhos, comprometendo as suas relações (Ceconello, Antoni & Koller, 2003).

Num estudo realizado por Martin e Johnson (1992; cit. por Lordelo, Fonseca, Araújo & Bahia, 2000), foi percebida uma relação na percepção materna da competência infantil e as crenças maternas sobre o desenvolvimento das crianças. Mães com mais conhecimentos teóricos sobre o desenvolvimento infantil tendem a perceber as crianças como mais competentes. Este factor é apontado pelos autores como os resultados da suposição que as mães mais sofisticadas estarão mais atentas às suas crianças e suas necessidades.

Do ponto de vista dos filhos, sobretudo na percepção dos adolescentes, existe um nível mais elevado quanto as práticas educativas parentais maternas em relação às práticas parentais paternas, o que pressupõem que as mães têm um papel maior na educação dos filhos (Teixeira, Oliveira & Wottricha, 2006).

Segundo o estudo realizado por Lordelo, Fonseca, Araújo e Bahia (2000), os resultados mostram que as atitudes em relação à maternidade e à autonomia da criança não são afectadas pela idade das mães, mas sim pelo seu nível de escolaridade. Deste modo mães

com escolaridade superior apresentam níveis superiores de satisfação com a maternidade e por consequência promovem uma maior autonomia na criança.

Gomide e Guimarães (2003; cit. por Sampaio, 2007), demonstram nos seus estudos que os filhos do sexo feminino tendem a avaliar os seus pais com maior rigor, quanto às suas práticas educativas em relação aos filhos do sexo masculino.

Segundo os estudos de (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004) mostram que tanto pais como as mães apresentam-se mais exigentes para com as filhas do que com os filhos, no entanto não foram encontradas diferenças significativas no que respeita aos cuidados parentais prestados às filhas e filhos.

Soares e Almeida (2011), num estudo com o objectivo de perceber qual a percepção dos adolescentes portugueses face às práticas educativas dos seus pais, este revelou não apresentar diferenças significativas entre o género feminino e o género masculino.

Ducharne e colaboradores (2006), Meeus e colaboradores, (2005) e Soares e Almeida (2011), com os seus estudos indicaram que as percepções face aos estilos parentais, é influenciada pela idade e não pelo género das crianças e dos adolescentes.

Segundo os estudos de Soares e Almeida (2011), realizados com adolescentes do 7º e do 9º ano de escolaridade, os resultados não demonstraram existir diferenças significativas em função do género dos filhos. Num estudo mais aprofundado sobre os resultados encontrados foram realizadas análises qualitativas e percebeu-se que as percepções não se mantêm estáveis ao longo do desenvolvimento.

Relação entre Sexo dos Filhos e Estilos Parentais

Num estudo de Canavarro e Pereira (2007, cit. por Soares & Almeida, 2011) encontraram diferenças na prática dos estilos parentais em função do sexo da criança. Verificou-se que as raparigas são alvo de menor rejeição pelos pais, e ao serem menos

controladas pelo pai, recebem mais apoio emocional da parte da mãe, em comparação com os filhos do sexo masculino.

Costa (2000, cit. por idem) demonstrou o facto de as filhas receberem maior exigência do que os filhos por ambos os pais. Às filhas atribuíram maior nível de responsividade à figura materna, contrariamente aos filhos. A responsividade é também evidenciada para ambos os sexos pelo facto da figura materna mostrar ser superior à responsividade paterna.

Ducharne et al. (2006, cit. por Soares & Almeida, 2011) mostram diferenças do que foi afirmado no estudo de Costa, mostrando que são as raparigas a atribuir aos pais um lado mais responsivo e controlador, considerado também como mais autoritária. Por sua vez os rapazes analisam a figura paterna como mais permissiva inclusive até mesmo negligente.

Nos estudos de Baumrind (cit. por Cruz, 2005) conclui-se as consequências diferenciadas nos filhos segundo os estilos parentais adoptados. Pais autoritários tendem a ter crianças que são obedientes, mais infelizes e inseguras enquanto pais permissivos que criam sobretudo rapazes, estes tendem a ser pouco confiantes e com dificuldades de autocontrolo. Segundo o estudo o estilo democrático revela crianças mais felizes, socialmente competentes e com capacidades de realização.

Para Pereira (2007) os estudos de Baumrind evidenciam nitidamente as vantagens do estilo parental democrático.

As Práticas Educativas e seus Efeitos no Comportamento Infantil

Conte (2001) indica condutas parentais que são consideradas positivas e protectoras do desenvolvimento tais como: realçando a importância de uma condução calorosa, demonstrando a aceitação da criança; fazendo o incentivo ao desenvolvimento de competência social; demonstrar a expressão contínua de afecto positivo e promover e incentivar a autonomia bem como a capacidade de fazer escolhas. Nem todos os pais

conseguem colocar em pratica estes comportamentos dai estas experiências serem importantes no desenvolvimento de “ser pai” e o estilo parental que o mesmo emprega. Outro factor de relevância na relação pais/filhos devesse à irritabilidade pessoal, provocada pelo estresse actual ou de vida crónica stressante. Este, o estresse, por conseguinte, pode surgir problemas conjugais como ausência de companheirismo com a mãe ou de companheirismo entre os pais e problemas económicos ou profissionais. (Conte, 2001, p. 163).

Ingberman (2001) aborda algumas variáveis para uma dinâmica familiar que proporciona o ajustamento dos seus elementos como, a comunicação quer seja verbal ou não verbal e às regras familiares como a introdução da disciplina através do confronto que as crianças vivenciam com as regras das práticas educativas parentais. (2001b, p. 206):

Pais que apresentam traços anti-sociais ou com fraca capacidade de administrar as crianças perante um estresse, podem provocar rupturas importantes na prática da administração familiar colocando assim as crianças em situação de risco. Deste modo releva-se que disciplina parental possa ser importante na transmissão do comportamento anti-social de uma geração para outra. Outro aspecto prende-se com o facto de papéis familiares empregues por cada elemento sejam bem definidos e adequados, colaborando para o ajustamento familiar. O quarto aspecto aborda a liderança que os pais devem exercer no meio familiar, de modo diferenciado e democrático, procurando o crescimento emocional de todos.

Gottman e De Claire (1997) A manifestação da agressividade deve ocorrer no ambiente familiar mas deve ser usada de forma construtiva. O trabalho conjugal deve ser usado em coordenação de esforços para os objectivos em comuns.

Marinho (2001b) reforça que o baixo grau de envolvimento positivo da família com a criança, conjugada com a fraca supervisão e monitorização das actividades, tornam-se factores pertinentes no desenvolvimento de comportamentos infantis anti-sociais.

Para Gottman e De Claire (1997), os pais que não impõem limites às suas crianças apresentam dificuldades para a capacidade de se concentrarem e criar relações de amizade.

Hart (1992) reforça a importância que as crianças precisam de limites seguros, saudáveis e razoáveis, e é através dos pais ao colocarem estes “limites saudáveis” em prática que transmitem cuidado e amor. Reforça a relação com a frase “Se vocês encontrarem tempo para conversarem todos os dias, jamais se tornarão estranhos.” As questões da auto-estima são evidenciadas quando os pais demonstram interesse precoce nas realizações de seus filhos, estes então promovem o desenvolvimento e os sentimentos de valor nas suas crianças.

Já as crianças maltratadas tendem a demonstrar comportamentos de forma mais retraída, a possuir baixa auto-estima e a mostrar padrões de hostilidade e agressividade, aborda Falcone (2000).

Brazelton e Greenspan (2002) falam da importância de que quando as crianças têm relacionamentos seguros e empáticos, aprendem a ser íntimas e empáticas e sabem comunicar os seus sentimentos bem como reflectir sobre seus próprios desejos.

Os relacionamentos no contexto familiar permitem à criança observar quais comportamentos são adequados ou não. Crianças que não conseguem relacionar-se com os outros de modo confiante, são conseqüentemente mais distantes, retraídas e desconfiadas, o que por sua vez as tornam isoladas com dificuldade em ouvir os outros contando apenas com os seus próprios pensamentos ou experiências, afectando assim o seu desenvolvimento saudável.

Crianças rejeitadas tendem a ser mais agressivas, aponta Gomes da Silva (2001),

Deste modo defende Marinho (2001), que os problemas de comportamento mostrados pelas crianças são evidenciados por um padrão de interacção familiar; sendo as competências de assertividade e expressividade emocional relacionados com as respostas dos adultos.

Alvarenga (2001) alerta para os problemas ou sucessos que podem antever de determinados comportamentos provenientes dos pais, como o afecto juntamente com uma atitude educativa e positiva da mãe, está relacionado com a ausência de problemas de comportamento, bem como o uso de punição física e a presença de problemas de comportamento.

De acordo com Weber, Viezzer e Brandenburg (2003) muitos pais consideram a punição física a melhor forma de disciplinar os filhos. Isto porque quando usam este método, na maioria das vezes, a criança pára de emitir o comportamento. A ideia de obediência imediata faz aumentar a probabilidade de os pais continuarem a utilizar esta prática. Contudo sabe-se que o uso da disciplina positiva; o uso de reforçadores de forma sistemática; a criação de regras/limites de modo consistente e lógico, juntamente com uma supervisão constante, modelos positivos e o incentivo à autonomia, contribuem para o fortalecimento da auto-estima da criança. Consequentemente estas variáveis permitem a redução da ocorrência de comportamentos desajustados ou não desejados por parte dos educadores. Assim sendo, como explica Löhr (2001), os pais que possuem uma pobre disciplina e fraca monitorização dos seus filhos, podem criar dificuldades neles para desenvolverem habilidades básicas necessárias e criarem baixa auto-estima potenciando condutas anti-sociais.

De modo geral, os resultados indicam que os estilos parentais estão relacionados com o bem-estar dos adolescentes, e através de estudos analisou-se que a autoridade parental relaciona-se com maior auto-estima e satisfação com a vida e depressão mais baixa. (Karavasilis et al., 2003; Kauffman et al., 2000; Maccoby & Martin, 1983) já indicavam nos seus estudos uma ligação entre práticas parentais e estes dados.

Nos estudos demonstram a vantagem da maternidade autoritária sobre a maternidade permissiva, contudo para os estilos paternos, a vantagem é menos definida, pois parece que

serem pais permissivos não é tão prejudicial para a criança quanto à maternidade permissiva (Lamb, 1986).

Num estudo espanhol com mais de 1400 adolescentes onde se analisam os vários estilos parentais e a auto-estima, verificou-se que os adolescentes cujas famílias empregavam um estilo permissivo, alcançam as mesmas ou até pontuações mais altas em auto-estima que os adolescentes de famílias com a prática de estilos autoritários. Os resultados confirmam e até ampliam a pesquisa feita em Espanha por (Musitu & García, 2004); Ambas as dimensões da auto-estima (académica e família) relacionadas aos estilos parentais do estudo, os adolescentes de pais permissivos apresentam resultados mais altos comparativamente aos adolescentes de pais competentes, ou seja, que empregam um estilo democrático. Famílias caracterizadas por alta aceitação, proporcionam maior prioridade aos valores analisados em estudo, enquanto os adolescentes de pais caracterizados por baixa aceitação/envolvimento usualmente atribuem a prioridade mais baixa para esses valores. A parentalidade autoritária é caracterizada por um alto nível de rigor, e a parentalidade permissiva é caracterizada por baixos níveis de rigor. Parece que o uso dessas práticas - estrita e imposição - não está relacionada com maior ou menor internalização dos valores no estudo.

Contudo parece que a internalização desses valores sociais pelos adolescentes é influenciada pelo grau de aceitação / envolvimento empregado pelos pais.

No estudo foi possível analisar que adolescentes cujos os pais apresentam um estilo autoritário, apresentam menor auto-estima, bem como possuem pior resultados escolares.

Resultados consistente com os resultados narrados na literatura (Garaigordobil et al., 2005; García & Musitu, 1999; Grotevant e Cooper, 1998; Insa, 2003; Molpeceres, 1996).

O estudo reforça pesquisas anteriormente realizadas também em Espanha (Musitu & García, 2004) e até em alguns países como Itália (Marchetti, 1997), México (Villalobos et al.,

2004) e também no Brasil (Martínez et al., 2003; Martínez, García e Yubero, 2007). De forma a tentar explicar porque é que a parentalidade autoritária não está associada com melhores resultados em adolescentes de todas as etnias e contextos, pensa-se que algumas práticas parentais podem ter significados diferentes, ou seja, dependendo das características da própria cultura (Chao, 2001) e podendo estar inclusive associado a diferentes objectivos por parte dos pais, (Rao, McHale e Pearson, 2003) assim sendo o impacto dos estilos parentais pode ter variabilidade em diferentes culturas.

Temos o caso da cultura asiática onde as práticas autoritárias têm um impacto positivo na colectividade, pois nesses contextos a disciplina é percebida culturalmente como benéfico para as crianças (Grusec et al., 1997) sendo inclusive esta pratica compreendida tanto por pais e filhos como organizadora, promovendo a harmonia familiar e promovendo a moral das crianças (Chao 1994; Ho, 1989).

Países como Espanha, Itália, América Latina e Países americanos, como México e Brasil, parece que dão maior ênfase ao uso de carinho, aceitação, e envolvimento na socialização das crianças (Musitu & García, 2004; Villalobos et al., 2004).

Estilos Educativos Parentais e Auto-Estima

Segundo estudo de Martinez e Garcia (2008) com 1198 adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos concluiu-se que os estilos educativos parentais democrático e permissivo estão relacionados com níveis mais elevados de auto estima, enquanto os adolescentes com níveis mais baixos de auto estima os seus pais inserem-se nos estilos educativos parentais autoritários e negligentes. Os adolescentes cujos pais apresentavam estilos educativos parentais democráticos e permissivos revelaram maior auto estima académica quando comparados com os estilos educativos parentais autoritário e

negligente. Contudo, os adolescentes com pais permissivos, tiveram níveis mais elevados de auto estima quando comparados com os adolescentes com pais democráticos.

Objectivos

Com esta investigação pretende-se realizar um estudo exploratório entre pais e filhos de forma a compreender o impacto dos estilos parentais, nomeadamente o estilo permissivo e autoritário na auto-estima das crianças e adolescentes entre os 8 e os 17 anos de idade.

Primeiramente foi aplicado um questionário ao pai e/ou à mãe, de forma a caracterizar o estilo educativo, segundo a percepção destes. Posteriormente depois de analisados os questionários cada pai e/ou mãe será caracterizado pelo seu estilo educativo.

Em seguida foram aplicados questionários aos respectivos filhos depois da análise pode-se compreender de que forma o estilo parental influencia na auto-estima destas crianças e adolescentes.

Assim sendo os objectivos específicos da investigação são:

1. Compreender e caracterizar os estilos parentais tendo em conta o género dos filhos.
2. Compreender e caracterizar a auto-estima das crianças e adolescentes tendo em conta sua idade.
3. Compreender e caracterizar a auto-estima das crianças e adolescentes tendo em conta o género.
4. Compreender e caracterizar a relação entre a percepção de estilos parentais na auto-estima dos filhos.

Metodologia

Participantes

Tendo em conta os objectivos do estudo optou-se por uma abordagem quantitativa, no mesmo foi utilizada uma amostra constituída por 1102 alunos. Os instrumentos utilizados foram questionários preenchidos em português, usados como instrumentos de auto-relato. Os alunos e os seus pais concordaram em participar no estudo. É de realçar que a confidencialidade e o anonimato foram preservados.

Para a selecção dos participantes foi utilizado questionários, aos quais estes foram enviados 500 para escolas no Norte de Portugal e 1000 enviados para as escolas de Lisboa. Os Critérios de inclusão são os seguintes: (1) ser criança/adolescente entre os 8 e os 17 anos de idade e (2) frequentar do 3º, 4º, 5º ou 6º ano de escolaridade.

Como critérios de exclusão considerou-se: (1) criança/ adolescente que não tivesse entre os 8 e os 17 anos de idade e (2) não frequentar o 3º, 4º, 5º ou 6º ano de escolaridade.

Os filhos são representados por 1102 alunos das quais 318 são do 3º ano de escolaridade, 426 representam os alunos do 4º ano, 251 são os alunos do 5º ano e por último o 6º ano com 104 alunos, com idades compreendidas entre 8 e 17 anos de idade.

Dos 1102 participantes cerca de 79% (n=869) são de Lisboa, e do Norte representam 21% (n=233). Os participantes do estudo têm uma idade compreendida entre os 8 anos e os 17 anos (M= 9,72 e DP=1,32) sendo 56% do sexo feminino (n=612) e 44% do sexo masculino (n=489). Dos 1102 alunos 94,4% (n=1036) vivem com a mãe, 69,2% (n=760) vivem com pai 62,8% (n=689) vivem com os irmãos, 18,4% (n=202) vivem com os avós e 6,1% (n=67) vivem com os tios. Os presentes dados foram realizados a partir de um questionário sociodemográfico preenchido por cada um dos participantes.

Instrumentos

Práticas parentais - controlo e aceitação

As práticas parentais podem ser usadas para medir as competências parentais relacionadas a práticas de controlo e aceitação. Foi desenvolvido com base no instrumento de Barros (1996) relacionado à percepção dos pais sobre a educação parental. A versão proposta do instrumento apresenta 8 itens (alfa de Cronbach = 0,67), divididos em duas dimensões, uma relacionada à Aceitação (alfa de Cronbach = 0,73) e outra relacionada ao Controlo (alfa de Cronbach = 0,50).

Auto-estima

A variável auto-estima foi medida através da tradução e adaptação da curta versão da Escala de Auto-Estima de Hare da escala de Kelley (Kelley, Denny, & Young, 1997) A forma abreviada da escala de Hare é constituída por 18 itens, composto por três subescalas onde cada uma tem seis itens e possui três dimensões: a auto-estima do lar, a auto-estima relacionada aos amigos e a auto-estima da escola. Confiabilidade (alfa de Cronbach) para o amostra Lar = 0.60, Pares=0.77, Escola = 0.73. Itens de amostra são: (Pares) 'Eu tenho pelo menos tantos amigos como outras pessoas da minha idade '; "Pessoas da minha idade geralmente criticam-me ". (Lar) 'Meus pais têm orgulho do tipo de pessoa que sou '; "Meus pais acreditam que serei um sucesso no futuro". (Escola) "Eu geralmente orgulho-me do meu boletim escolar"; 'Meus professores geralmente são felizes com o tipo do trabalho que eu faço '. Estes itens são pontuados em uma escala de Likert, de "discordo totalmente" a "concordo totalmente". O instrumento utilizado está na versão portuguesa (Gaspar, Tomé, Albergaria, Freire, em preparação). Kelley, R.M., Denny, G., & Young, M. (1997). Escala de auto-estima da lebre abreviada: consistência interna e análise factorial. *American Journal of Health Studies*, 13, 180-186. Agressividade

Procedimento

O presente estudo fez parte de uma pesquisa mais vasta desenvolvida no âmbito do CLISSIS (Centro Lusíada Investigação Serviço Social e Intervenção Social) da Universidade Lusíada, cujo objectivo foi examinar diversas variáveis relacionadas ao bem-estar em crianças e adolescentes portugueses. Todos os instrumentos incluídos nos questionários foram preenchidos em português, como instrumentos de auto-relato. Os alunos e seus pais concordaram em participar no estudo. Confidencialidade e o anonimato foram assegurados. Foram enviados 1500 questionários, 500 questionários foram enviados para Escolas no Norte de Portugal e 1000 questionários foram aplicados nas Escolas de Lisboa.

Foram respondidos 1300 questionários e 119 foram excluídos por não serem válidos (falta de sexo, idade ou informações que não foram preenchidas). Alcançou-se a presente taxa de resposta de 78, 73%. Para a análise dos dados, foi utilizado o software estatístico SPSS 20 para realização de estatística, ANOVA e modelos de regressão linear.

Resultados

Em seguida, apresento os resultados do estudo com os seguintes quadros: O alfa de Cronbach, Anova entre géneros, idade e NEE; As correlações entre as variáveis; Regressões lineares das variáveis alta auto-estima e baixa auto-estima; bem como, ambas relacionadas entre género feminino e masculino e idades.

As análises encontram-se descritas abaixo de cada quadro.

Tabela 1 – *Alfa de Cronbach*

Variáveis / Escalas	Alfa de Cronbach
Afecto-Pai	0,86
Hostilidade -Pai	0,81
Autonomia -Pai	0,65
Controlo Pai	0,60
Afecto- Mãe	0,85
Hostilidade-Mãe	0,80
Autonomia - Mãe	0,65
Controlo -Mãe	0,58
Baixa Auto-estima	0,74
Alta Auto-estima	0,78

Através da tabela analisamos que as variáveis afecto pai, hostilidade pai, afecto mãe, e hostilidade mãe apresentam uma boa fiabilidade. As variáveis que apresentam uma fiabilidade razoável são a baixa e a alta auto-estima, as variáveis autonomia pai, controlo pai e autonomia mãe revelam uma fiabilidade fraca e o controlo mãe muito fraco.

Tabela 2 - *Estatísticas descritivas*

Dimensões	N	Média	DP
Afecto- Pai	962	1,59	0,67
Hostilidade- Pai	884	3,16	0,71
Autonomia - Pai	975	2,43	0,84
Controlo-Pai	977	2,52	0,89
Afecto - Mãe	996	1,47	0,60
Hostilidade- Mãe	923	3,14	0,71
Autonomia-Mãe	1008	2,41	0,83
Controlo- Mãe	1013	2,44	0,88
Baixa Auto-estima	993	1,84	0,59
Alta Auto-estima	966	3,16	0,60

Tabela 3 - *Anova entre género*

Dimensões	Masculino		Feminino		Z	p
	Média	DP	Média	DP		
Afecto-Pai	1,55	0,67	1,62	0,67	2,939	0,087
Hostilidade- Pai	3,08	0,76	3,22	0,67	8,834	0,003
Autonomia-Pai	2,28	0,84	2,54	0,81	24,508	0,001
Controlo -Pai	2,43	0,92	2,59	0,86	7,493	0,006
Afecto- Mãe	1,47	0,60	1,47	0,60	0,001	0,974
Hostilidade-Mãe	3,08	0,74	3,19	0,69	5,717	0,023
Autonomia-Mãe	2,31	0,83	2,50	0,82	12,237	0,001
Controlo- Mãe	2,37	0,90	2,50	0,86	6,724	0,010
Baixa Auto-estima	1,90	0,62	1,79	0,57	9,709	0,002
Alta Auto-estima	3,10	0,62	3,20	0,58	7,370	0,007

***p<0,001; **p<0,010; *p<0,05

Na tabela é possível observar que existem diferenças significativas entre género nas variáveis hostilidade pai (p=0,003), autonomia pai (p=0,001) e controlo pai (p=0,006) bem como nas variáveis relacionadas com a mãe como a hostilidade (p=0,023) autonomia (p=0,001) e controlo (p=0,010). Quanto a baixa auto estima (p=0,002) e alta auto-estima (p=0,007) ambas mostram diferenças significativas entre os géneros. É de realçar que as variáveis que apresentam maiores níveis de significância de diferenças entre os géneros são ambas a autonomia da mãe e autonomia do pai (p=0,001).

Tabela 4 - *Anova entre idades*

	8 ou 9 anos		10 ou mais		Z	p
	Média	DP	Média	DP		
Afecto – Pai	1,60	0,70	1,58	0,64	0,574	0,449
Hostilidade-Pai	3,18	0,70	3,15	0,72	0,438	0,508
Autonomia- Pai	2,40	0,85	2,45	0,83	0,451	0,502
Controlo – Pai	2,50	0,90	2,55	0,89	0,733	0,392
Afecto- Mãe	1,50	0,62	1,46	0,58	1,022	0,312
Hostilidade- Mãe	3,19	0,68	3,09	0,74	4,144	0,042
Autonomia- Mãe	2,41	0,82	2,43	0,83	0,225	0,635
Controlo – Mãe	2,44	0,88	2,45	0,88	0,025	0,874
Baixa Auto-estima	1,79	0,59	1,87	0,58	4,711	0,030
Alta Auto-estima	3,26	0,55	3,07	0,62	24,194	0,001

***p<0,001; **p<0,010; *p<0,05

Verifica-se a existência de diferenças significativas entre as idades relativamente à variável hostilidade mãe ($p=0,042$) baixa auto estima ($p=0,030$) e alta auto-estima ($p=0,001$) sendo esta ultima muito significativa entre os 2 grupos de idades de 8 ou 9 anos e de 10 ou mais anos. Sendo que nas idades de 8 ou 9 anos a media é superior ao grupo de 10 ou mais anos nas variáveis hostilidade mãe ($M=3,19$) e alta auto-estima ($M=3,26$) . Na variável baixa auto-estima o grupo de 10 ou mais anos apresenta uma média superior ($M=1,87$) comparativamente com o grupo de 8 ou 9 anos ($M=1,79$).

Tabela 5 - Anova NEE (*Necessidades Educativas Especiais*)

	Sim		Não		Z	P
	Média	DP	Média	DP		
Afecto – Pai	1,96	0,81	1,58	0,66	6,341	0,012
Hostilidade-Pai	2,83	0,59	3,17	0,71	3,765	0,053
Autonomia- Pai	2,52	1,02	2,42	0,83	0,245	0,621
Controlo – Pai	2,47	0,83	2,52	0,89	0,073	0,788
Afecto- Mãe	1,69	0,77	1,47	0,60	2,924	0,088
Hostilidade- Mãe	2,94	0,57	3,14	0,71	1,746	0,187
Autonomia- Mãe	2,39	0,84	2,41	0,83	0,019	0,891
Controlo – Mãe	2,30	0,79	2,45	0,88	0,550	0,458
Baixa Auto-estima	2,18	0,63	1,83	0,60	7,180	0,007
Alta Auto-estima	3,12	0,39	3,16	0,60	0,115	0,735

*** $p<0,001$; ** $p<0,010$; * $p<0,05$

Como é possível observar na tabela X existem valores significativos entre os 2 grupos apresentando alunos com necessidades educativas especiais e alunos sem necessidades educativas. As variáveis que apresentam diferenças entre os grupos são o afecto pai ($p=0,012$) e a baixa auto-estima ($p=0,007$). Assim sendo quanto às necessidades educativas especiais, o afecto do pai é superior para quem tem NEE ($M=1,96$) comparativamente com quem não tem NEE ($M=1,58$). Quanto à baixa auto-estima esta mostra ter uma média superior nos alunos com NEE ($M=2,18$) comparativamente com os alunos que não tem NEE ($M=1,83$)

Tabela 6 - *Correlações*

	Afe Pai	Host Pai	Aut Pai	Conl Pai	Afe Mãe	Host Mãe	Aut Mãe	Cont Mãe	B.AE	A.AE
Afe – Pai	_____	-0,130***	0,335***	0,254***	0,793***	-0,110***	0,219***	0,186***	0,170***	-0,137***
Host-Pai	-0,130 ***	_____	0,095**	0,470 ***	-0,101**	-0,915***	0,124***	0,441 ***	-0,353***	0,285***
Aut- Pai	0,335***	0,095**	_____	0,173***	0,224***	0,120***	0,880***	0,118***	0,010	-0,020
Con – Pai	0,254***	0,470***	0,173 ***	_____	0,182***	0,436***	0,139***	0,917***	-0,221 ***	0,062
Afe- Mãe	0,793***	-0,101**	0,224***	0,182***	_____	-0,077*	0,246***	0,217***	0,129***	-0,101**
Host- Mãe	-0,110***	0,915***	0,120***	0,436***	-0,077*	_____	0,174***	0,471 ***	-0,363***	0,296***
Aut- Mãe	0,219***	0,124***	0,880***	0,139***	0,246***	0,174***	_____	0,127***	0,010	-0,020
Con -Mãe	0,186***	0,441 ***	0,118***	0,917***	0,217***	0,471 ***	0,127***	_____	-0,240***	0,067*
B.AE	0,170***	-0,353***	0,010	-0,221***	0,129***	-0,363***	0,010	-0,240***	_____	-0,143***
A.AE	-0,137***	0,285***	-0,020	0,062	-0,101**	0,296***	-0,020	0,067*	-0,143***	_____

Legenda da tabela: Afe-Pai = Afecto-Pai; Host-Pai= Hostilidade – Pai; Aut-Pai= Autonomia-Pai; Cont-Pai= Controlo-Pai; Afe-Mãe = Afecto-Mãe; Host-Mãe= Hostilidade – Mãe; Aut-Mãe= Autonomia-Mãe; Cont-Mãe= Controlo-Mãe. B.AE= Baixa Auto-estima; A.AE=Alta Auto-estima.

Na seguinte tabela observa-se algumas correlações entre as variáveis. O afecto do pai correlaciona-se de forma fraca e negativa entre a hostilidade do pai (CP=-0,130) bem como nas variáveis da hostilidade da mãe (CP=-0,110) e da alta auto-estima (CP=-0,137).

Quanto as variáveis, controlo pai (CP=0,254), autonomia mãe (CP=0,219), controlo mãe (CP=0,186) e baixa auto-estima (CP=0,170), as mesmas apresentam uma correlação fraca positiva com a variável afecto pai.

As variáveis que apresentam uma correlação positiva moderada são a autonomia do pai com o afecto do pai (CP=0,335)

No que diz respeito à variável afecto mãe e afecto pai (CP=0,793), estas apresentam uma correlação positiva elevada, demonstrando assim que quando o afecto transmitido pelo pai aumenta, o mesmo acontece com o afecto dado pela mãe.

Na variável hostilidade do pai, esta componente correlaciona-se de forma positiva e fraca com as seguintes variáveis, autonomia da mãe (CP=0,124) e a variável alta auto-estima

(CP=0,285) sendo que a variável autonomia do pai apresentando-se uma correlação positiva mas muito fraca (CP=0,095).

Quanto à variável hostilidade pai esta correlaciona-se de forma negativa de modo moderado com a variável baixa auto-estima (CP=-0,353) e de forma negativa e fraca com a variável afecto mãe.

A variável hostilidade pai evidencia uma correlação positiva elevada com a variável hostilidade da mãe (CP=0,915), demonstrando deste modo que quando uma sobe a outra componente também, bem como quando uma baixa a outra variável também.

No que diz respeito à variável autonomia pai, esta apresenta uma correlação positiva fraca com quando relacionada com as variáveis controlo pai (CP=0,173), afecto mãe (CP=0,224), a hostilidade da mãe (CP=0,120) e a variável controlo da mãe (CP=0,118)

Quanto a variável autonomia pai e autonomia mãe estas apresentam uma correlação positiva elevada (CP=0,880). Assim quanto maior autonomia o pai transmitir, maior autonomia transmite também a mãe para os seus filhos.

Quanto à componente da baixa auto-estima, esta correlaciona-se com a variável autonomia pai de forma positiva mas muito fraca (CP=0,010) e em relação a alta auto-estima a mesma apresenta também uma relação negativa muito franca (CP=-0,020) quando correlacionada com a autonomia transmitida pelo pai, no entanto estes resultados não se mostraram significativos.

A variável controlo pai correlaciona-se de forma positiva fraca com as variáveis afecto mãe (CP=0,182), autonomia da mãe (CP=0,139), e de forma positiva mas muito fraca temos a correlação com a variável alta auto-estima (CP=0,062).

O controlo do pai e a variável hostilidade da mãe demonstram uma correlação positiva moderada (CP=0,436).

Quanto à variável controlo do pai e controlo da mãe apresentam uma correlação positiva elevada ($CP=0,917$).

No que diz respeito à variável afecto mãe correlacionada com as variáveis hostilidade mãe ($CP=-0,077$) e alta auto-estima ($CP=-0,101$) estas expõem uma correlação negativa fraca.

Relativamente à variável afecto mãe correlacionada com a autonomia mãe ($CP=0,246$), controlo mãe ($CP=0,217$) e baixa auto-estima ($CP=0,129$) indicam uma correlação positiva fraca.

Na variável hostilidade mãe a mesma salienta uma correlação negativa moderada com a baixa auto-estima.

Quanto à variável hostilidade mãe e às variáveis autonomia mãe e alta auto-estima as mesmas detonam uma correlação positiva fraca com ($CP=0,174$) e ($CP=0,296$) respectivamente.

A variável hostilidade mãe em relação com a variável controlo mãe apontam uma correlação positiva moderada ($CP=0,471$).

Quanto à variável autonomia mãe esta expressa uma correlação negativa muito fraca com a alta auto-estima ($CP=-0,020$) o mesmo acontece quando comparado à autonomia da mãe e a baixa auto-estima mas esta contrariamente à alta auto-estima embora também se apresente muito baixa, tem uma correlação positiva ($CP=0,010$), mais uma vez estes resultados não se mostraram significativos.

No que diz respeito à variável autonomia mãe e controlo mãe, as mesmas demonstram uma correlação positiva fraca ($CP=0,127$)

Para correlação da variável controlo mãe e baixa auto-estima estas apresentam uma correlação negativa fraca ($CP=-0,240$) e quanto à alta auto-estima e controlo da mãe,

apresenta uma correlação positiva muito fraca não muito significativa. Por último a baixa auto-estima correlacionada com a alta auto-estima correlaciona-se com a alta auto-estima de forma negativa fraca (CP=-0,143).

Tabela 7 – *Regressão Linear –Alta Auto-estima*

	R²	R² ajustado	Beta	T	p
Género			-0,046	-1,252	0,211
Idade da criança/ adolescente			-0,155	-4,346	0,001
Afecto – Pai			-0,140	-2,026	0,043
Hostilidade-Pai			0,025	0,259	0,795
Autonomia- Pai	0,174	0,161	0,214	2,575	0,010
Controlo – Pai			0,206	2,049	0,041
Afecto- Mãe			0,030	0,450	0,653
Hostilidade- Mãe			0,313	3,235	0,001
Autonomia- Mãe			-0,296	-3,650	0,001
Controlo – Mãe			-0,244	-2,440	0,015

***p<0,001; **p<0,010; *p<0,05

Perante a análise da seguinte tabela pode-se observar que as variáveis idade da criança, afecto pai, autonomia mãe e controlo mãe são preditores negativos a alta auto-estima de crianças e adolescentes. As variáveis hostilidade mãe e autonomia pai e controlo pai são preditores de forma positiva na alta auto-estima de crianças e adolescentes. Assim sendo estas 7 variáveis explicam 16 % da variância da alta auto estima [$R^2 = 0,174$; $R^2 Aj = 0,161$; Erro = 0,51792; $F(10,666) = 14,004$; $p = 0,000$]

Tabela 8 - *Regressão linear baixa auto-estima*

	R²	R² ajustado	Beta	T	p
Género			0,071	2,017	0,044
Idade da criança/ adolescente			0,164	4,760	0,001
Afecto – Pai			0,207	3,082	0,002
Hostilidade-Pai			-0,054	-0,584	0,560
Autonomia- Pai	0,206	0,195	-0,201	-2,499	0,013
Controlo – Pai			-0,123	-1,276	0,203
Afecto- Mãe			-0,014	-0,225	0,822
Hostilidade- Mãe			-0,220	-2,397	0,017
Autonomia- Mãe			0,270	3,445	0,001
Controlo – Mãe			0,031	0,327	0,744

***p<0,001; **p<0,010; *p<0,05

Segundo a análise da tabela, observa-se que as variáveis género, idade da criança / adolescente, afecto pai, e autonomia mãe são preditores positivos para a baixa auto-estima. Como nas variáveis autonomia pai e hostilidade mãe revelam-se de forma negativa preditores da baixa auto-estima. Estas 5 variáveis explicam 20% da variância da baixa auto-estima [$R^2 = 0,206$; R^2 Aj=0,195; Erro= 0,52207; $F(10,686) = 17,810$; $p = 0,000$].

Tabela 9 - *Regressão linear baixa auto-estima feminino*

	R²	R² ajustado	Beta	T	p
Idade da criança/ adolescente			0,149	3, 317	0,001
Afecto – Pai			0,218	2,696	0,007
Hostilidade-Pai			-0,219	-2,181	0,030
Autonomia- Pai			-0,394	-3,988	0,001
Controlo – Pai	0,258	0,241	-0,002	-0,020	0,984
Afecto- Mãe			-0,014	-0,179	0,858
Hostilidade- Mãe			-0,138	-1,393	0,165
Autonomia- Mãe			0,383	4,017	0,001
Controlo – Mãe			-0,139	-1,180	0,239

***p<0,001; **p<0,010; *p<0,05

Perante a tabela, analisa-se que as variáveis idade da criança/ adolescente, afecto pai e autonomia mãe afectam de forma positiva a baixa auto-estima feminina. Enquanto as variáveis hostilidade pai e autonomia pai afectam a baixa auto-estima de forma negativa.

Estas 5 variáveis explicam 24% da variância da baixa auto-estima feminina [$R^2 = 0,258$; $R^2_{Aj} = 0,241$; Erro = 0,47190; $F(9,376) = 14,553$; $p = 0,000$].

Tabela 10 - *Regressão linear baixa auto-estima masculino*

	R^2	R^2 ajustado	Beta	T	p
Idade da criança/ adolescente			0,172	3,148	0,002
Afecto – Pai			0,192	1,590	0,113
Hostilidade-Pai			0,211	1,114	0,266
Autonomia- Pai			-0,007	-0,047	0,962
Controlo – Pai	0,177	0,152	-0,170	-0,971	0,333
Afecto- Mãe			-0,001	-0,008	0,993
Hostilidade- Mãe			-0,463	-2,440	0,015
Autonomia- Mãe			0,119	0,826	0,410
Controlo – Mãe			0,143	0,813	0,417

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,010$; * $p < 0,05$

As variáveis idade da criança / adolescente afectam sendo preditores de forma positiva na baixa auto estima masculina, sendo a variável hostilidade mãe preditor de forma negativa na baixa auto-estima masculina. As 2 variáveis explicam 15% da variância da baixa auto-estima masculina [$R^2 = 0,177$; $R^2_{Aj} = 0,152$; Erro = 0,57113; $F(9,301) = 7,172$; $p = 0,001$].

Tabela 11 - *Regressão linear alta auto-estima feminino*

	R^2	R^2 ajustado	Beta	T	P
Idade da criança/ adolescente			-0,195	-4,156	0,001
Afecto – Pai			-0,115	-1,375	0,170
Hostilidade-Pai			-0,171	-1,594	0,112
Autonomia- Pai			0,139	1,344	0,180
Controlo – Pai	0,206	0,186	0,334	2,611	0,009
Afecto- Mãe			-0,031	-0,380	0,704
Hostilidade- Mãe			0,440	4,156	0,001
Autonomia- Mãe			-0,313	-3,151	0,002
Controlo – Mãe			-0,417	-3,334	0,001

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,010$; * $p < 0,05$

Tendo em conta a tabela as variáveis idade da criança/adolescente, a autonomia mãe e controlo mãe são preditores negativos para a alta auto-estima feminina. Quanto às variáveis que são preditores positivos são as variáveis controlo pai e hostilidade mãe. As 5 variáveis explicam 21% da variância da alta auto-estima feminino.

[$R^2 = 0,206$; R^2 Aj=0,186; Erro= 0,49880; $F(9,368) = 10,580$; $p=0,000$].

Tabela 12 - *Regressão linear alta auto-estima masculino*

	R^2	R^2 ajustado	Beta	T	P
Idade da criança/ adolescente			-0,118	-2,130	0,034
Afecto – Pai			-0,142	-1,149	0,252
Hostilidade-Pai			0,380	1,942	0,053
Autonomia- Pai			0,180	1,212	0,227
Controlo – Pai	0,189	0,163	-0,067	-0,380	0,704
Afecto- Mãe			0,088	0,759	0,448
Hostilidade- Mãe			-0,006	-0,032	0,975
Autonomia- Mãe			-0,194	-1,326	0,186
Controlo – Mãe			0,090	0,510	0,610

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,010$; * $p < 0,05$

Segundo os dados da tabela apenas a variável idade da criança é preditor de forma negativa da alta auto-estima masculina. Esta variável explica 16% da variância da alta auto-estima [$R^2 = 0,189$; R^2 Aj=0,163; Erro= 0,52783; $F(9,289) = 7,460$; $p=0,000$].

Tabela 13 - *Regressão linear alta auto-estima pelas idades de 8 ou 9 anos*

	R^2	R^2 ajustado	Beta	T	p
Afecto – Pai			-0,294	-2,532	0,012
Hostilidade-Pai			-0,150	-0,791	0,430
Autonomia- Pai			0,334	2,418	0,016
Controlo – Pai	0,167	0,145	0,284	1,508	0,132
Afecto- Mãe			0,251	2,298	0,022
Hostilidade- Mãe			0,506	2,738	0,007
Autonomia- Mãe			-0,432	-3,168	0,002
Controlo – Mãe			-0,358	-1,905	0,058
Género			-0,064	-1,255	0,210

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,010$; * $p < 0,05$

Perante a tabela as variáveis que predizem de forma positiva a alta auto – estima nas idades de 8 ou 9 anos nas variáveis afecto mãe e hostilidade mãe e autonomia. As variáveis afecto pai e autonomia mãe predizem de forma negativa na auto-estima nas idades de 8 ou 9 anos. Estas 5 variáveis explicam 15% da variável alta auto-estima nas idades de 8 ou 9 anos.

[$R^2 = 0,167$; R^2 Aj=0,145; Erro= 0,46329; $F(9,330) = 7,364$; $p = 0,000$]

Tabela 14 - *Regressão linear alta auto-estima pelas idades de 10 ou mais*

	R^2	R^2 ajustado	Beta	T	p
Afecto – Pai			-0,110	-1,228	0,220
Hostilidade-Pai			0,114	0,893	0,373
Autonomia- Pai			0,114	1,006	0,315
Controlo – Pai	0,169	0,146	0,163	1,335	0,183
Afecto- Mãe			-0,096	-1,125	0,261
Hostilidade- Mãe			0,221	1,709	0,088
Autonomia- Mãe			-0,157	-1,413	0,159
Controlo – Mãe			-0,179	-1,488	0,138
Género			0,056	-1,033	0,302

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,010$; * $p < 0,05$

Como se pode observar na presente tabela não existem valores significativos uma vez que os valores de p não são iguais ou inferiores a 0,05 demonstrando deste modo que a auto-estima nas idades de 10 ou mais anos não é afectada pelas variáveis apresentadas

[$R^2 = 0,169$; R^2 Aj=0,146; Erro= 0,56449; $F(9,327) = 7,373$; $p = 0,000$]

Tabela 15 - *Regressão linear baixa auto estima idades de 8 ou 9 anos.*

	R^2	R^2 ajustado	Beta	T	p
Afecto – Pai			0,335	3,136	0,002
Hostilidade-Pai			0,219	1,257	0,210
Autonomia- Pai			-0,049	-0,380	0,704
Controlo – Pai	0,239	0,219	-0,139	-0,812	0,417
Afecto- Mãe			-0,157	-1,553	0,121
Hostilidade- Mãe			-0,532	-3,132	0,002
Autonomia- Mãe			0,134	1,054	0,293
Controlo – Mãe			-0,010	-0,058	0,953
Género			0,008	1,744	0,082

*** $p < 0,001$; ** $p < 0,010$; * $p < 0,05$

Perante os resultados obtidos pode-se verificar que as variáveis afecto (B=0,335;p=0,002) pai e hostilidade mãe (B=-0,532;p=0,002) são preditores, uma de forma positiva e outra de forma negativa respectivamente na auto-estima de crianças com idades entre os 8 e 9 anos. Deste modo as duas variáveis explicam 22% da variância da auto-estima nas idades de 8 ou 9 anos.

$$[R^2 = 0,239; R^2 \text{ Aj} = 0,219; \text{Erro} = 0,51959; F(9,339) = 11,852; p = 0,000]$$

Tabela 16 - *Regressão linear de baixa auto-estima nas idades de 10 ou mais anos*

	R ²	R ² ajustado	Beta	T	P
Afecto – Pai			0,153	1,694	0,091
Hostilidade-Pai			-0,099	-0,802	0,423
Autonomia- Pai			-0,248	-2,209	0,028
Controlo – Pai	0,156	0,133	-0,046	-0,374	0,709
Afecto- Mãe			0,083	0,968	0,334
Hostilidade- Mãe			-0,0159	-1,266	0,206
Autonomia- Mãe			0,270	2,464	0,014
Controlo – Mãe			0,033	0,277	0,782
Género			0,080	1,513	0,131

***p<0,001; **p<0,010; *p<0,05

Segundo a tabela, as variáveis autonomia pai são um preditor negativo para a baixa auto-estima nas idades de 10 ou mais anos e a variável autonomia mãe revela-se um preditor positivo para a baixa auto-estima nas idades de 10 ou mais anos. As duas variáveis explicam 13% da variância da baixa auto-estima nas idades de 10 ou mais anos.

$$[R^2 = 0,156; R^2 \text{ Aj} = 0,133; \text{Erro} = 0,53225; F(9,338) = 6,931; p = 0,000]$$

Discussão

Tendo em conta o presente estudo, os resultados previamente apresentados e quanto à respectiva literatura analisada, foi possível responder aos objectivos do estudo.

Assim, verificou-se que os estilos parentais, nomeadamente a variável hostilidade tanto praticadas pelo pai como pela mãe, afecta nomeadamente a variável baixa auto-estima em crianças e adolescentes em ambos os sexos. Ou seja o estilo parental empregado pelos pais tem impacto na auto-estima das crianças e adolescentes nomeadamente a variável hostilidade. Assim sendo é possível perceber que o estilo parental autoritário, onde são empregues maiores níveis de hostilidade pelos pais pode contribuir para uma menor auto-estima dos seus filhos. Analisou-se que existe correlação da variável hostilidade da mãe e hostilidade do pai na variável baixa auto-estima como uma correlação negativa. Colocando a hipótese de que como as crianças que são hostilizadas pelos pais podem por sua vez desenvolvem outros mecanismos bem como poderão dar importância a influencias externas na construção da sua auto-estima

De acordo com Barreto (2010), como já referido anteriormente, a auto-estima constrói-se nas relações familiares e é consolidada através da ampliação de relações sociais saudáveis, deste modo, uma educação baseada em valores como amor, respeito, valorização, competência e bondade do indivíduo são alicerces para um desenvolvimento da auto-estima de forma saudável.

Diana Baumrind (1968), caracterizou os estilos parentais em três: estilo autoritário, o estilo democrático e o estilo permissivo, o estilo autoritário é caracterizado por implementarem ordens e normas rígidas, com punições severas (Reichert & Wagner, 2007).

Pais autoritários têm um elevado nível de exigência e um baixo nível de afecto, defendendo a disciplina e obediência, deste modo os seus filhos tendem a ser crianças mais submissas, respeitando as ordens e recorrendo pouco ao diálogo (Pasquali, et al., 2012).

No que diz respeito ao estilo democrático, os pais educam de uma forma racional, colocando o mesmo peso as dimensões controlo e a importância de estarem abertos a sugestões por parte dos seus filhos na sua educação o que permite um maior nível de liberdade e autonomia (Rochinha & Sousa, 2012).

No estilo democrático são apresentados níveis superiores de afecto em relação ao estilo autoritário, bem como este estilo demonstra respeitar as necessidades e os desejos dos seus filhos. Estes pais praticam uma supervisão firme e responsável contudo apreciam o diálogo e explicam aos seus filhos as razões pelas quais são implementadas as regras (Pedro, Carapito, & Ribeiro, 2015).

Filhos onde os seus pais empregam um estilo democrático, revelam-se crianças com bom aproveitamento escolar com ajustamento emocional (Pasquali, et al., 2012).

Os adolescentes apresentam maiores níveis de auto-estima quando os seus pais são mais flexíveis, menos controladores e exigentes, o que faz considerar que um desenvolvimento num ambiente de aceitação fornece uma maior autonomia, permitindo aos adolescentes mais oportunidades para aprender novas competências (Litovsky & Dusek, 1985).

No estudo realizado por Scott, Scott e McCabe, em 1991, foi possível concluir que, uma boa harmonia familiar bem como baixos níveis de ansiedade proporcionam uma boa auto-estima e que a excessiva protecção ou o uso excessivo de punições gera nos filhos baixas competências interpessoais.

Já Elder (1963), dizia nos seus estudos que pais rígidos e com um comportamento controlador geram um ambiente afectivo frio onde potencia dor e distanciamento, o que comprometia a auto confiança e a independência dos filhos.

Pais que impõem mais limites e que têm expectativas firmes perante o comportamento dos filhos mas que no entanto orientam as crianças recorrendo à razão e a regras, criam um ambiente afectivo mais equilibrado, por conclusão criam nos filhos uma maior autoconfiança e independência.

No que diz respeito à relação entre as variáveis os resultados mostram que as variáveis afecto, hostilidade, autonomia e controlo apresentam uma correlação positiva elevada entre o pai e a mãe. Ou seja, os pais influenciam-se mutuamente quando praticam estas variáveis.

Quanto à variável autonomia, as mães apresenta níveis mais elevados para os filhos do sexo masculino, comparativamente com os pais em relação aos filhos. Quanto às filhas o resultado é exactamente o oposto, os pais apresentam resultados mais elevados que as mães na variável autonomia no sexo feminino. Os resultados sugerem que os pais dão mais autonomia às filhas, comparativamente as mães, e as mães fornecem maior autonomia aos filhos comparativamente com os pais. Mas ambos, tanto mães como pais apresentam níveis mais elevados de autonomia às filhas comparativamente aos filhos.

Quanto à variável controlo, as mães apresentam resultados menos elevados em ambos os sexos comparativamente com os resultados dos pais, mostrando que estes últimos são mais controladores, ainda que as mães como os pais mostram níveis de controlo superiores em filhos do sexo feminino comparativamente com os filhos do sexo masculino.

Num estudo de (2007, cit. por Soares & Almeida, 2011) foram encontradas diferenças na prática dos estilos parentais em função do sexo da criança. Verificou-se que as raparigas são alvo de menor rejeição e menos controladas pelo pai, contudo recebem mais apoio

emocional da parte da mãe em comparação com os filhos do sexo masculino. No presente estudo os resultados mostram que se verifica o contrário do estudo de Canavarro e Pereira, os pais exercem maior controlo nas filhas em comparação aos filhos. Bem como os pais exercem maior controlo às filhas do que as mães.

Portugal & Alberto, (2013) referem que as filhas do sexo feminino apreciam comunicação com os seus pais, abordando temas como as frustrações, medos e sentimentos, já os filhos do sexo masculino são mais reservados, não comunicado tanto, podendo ser esta uma das explicações para os resultados diferentes em géneros nas variáveis autonomia e controlo. A relação que as filhas têm com os seus pais é diferente da relação que os filhos compartilham com os seus pais. Para além disto também Costa (2000, cit. por idem) apresentou o facto de as filhas receberem maior exigência do que os filhos, por ambos os pais.

Quanto a variável hostilidade praticada pelas mães comparativamente as idades 8 ou 9 anos e 10 ou mais anos, as mães apresentam uma média superior de hostilidade nos filhos mais novos 8 ou 9 anos.

Neste estudo os pais apresentaram médias superiores a todas as variáveis (afecto, hostilidade, autonomia e controlo) aplicadas em comparação com os resultados das médias das mães. Contrariamente aos resultados dos estudos realizados por Simões et al. (2011) e Canavarro e Pereira (2007a), em que foi possível observar que as mães apresentavam níveis mais elevados em todas as dimensões do comportamento parental

Verifica-se a existência de uma correlação positiva forte muito significativa entre as variáveis afecto -mãe e afecto-pai , hostilidade –mãe e hostilidade – pai , autonomia- mãe e autonomia- pai , controlo- mãe e controlo-pai .

A variável hostilidade-pai apresenta uma correlação positiva moderada muito significativa com as variáveis controlo-mãe e controlo-pai, mostrando que quando a hostilidade aumenta o controlo do pai também e consequentemente o controlo da mãe bem como já referida anteriormente, a hostilidade da mãe com uma correlação positiva forte muito significativa .

Na tabela de correlação é possível verificar que as variáveis controlo e hostilidade estão relacionadas tanto para a mãe como para o pai, apresentando correlações positivas moderadas ou forte muito significativas, mostrando que quando a hostilidade aumenta o controlo também e vice-versa.

Conclusão

O presente estudo e os resultados demonstram e reforçam a importância das práticas educativas para um desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes, sobretudo ao nível do desenvolvimento da sua auto-estima. Variadíssimos estudos ao longo do tempo, como foram apresentados no enquadramento teórico têm demonstrando que a educação/ estilo autoritário não é o estilo mais adequado.

No entanto, pode-se concluir que as correlações entre estilos parentais e auto-estima não podem ser interpretadas como o único efeito, ou seja, é necessário mais pesquisas longitudinais, como a análise de outras potenciais variáveis para testar possíveis efeitos bidireccionais ou até moderadores.

O presente estudo abre novos caminhos para examinar os aspectos dos estilos parentais entre outras variáveis que podem explicar o desenvolvimento de uma boa auto-estima. Até mesmo devido aos resultados diferentes ao de estudos anteriores.

Uma das limitações é o facto de o estudo ser baseado em questionários as quais as crianças respondem sobre os seus pais, devendo ter-se em consideração o facto da desejabilidade social. Assim pode sugerir-se usar outro tipo de instrumentos complementares como observação em estudos futuros.

O facto de pouco mais de metade das crianças e dos adolescentes viverem com os pais, comparativamente com quase 100 % dos alunos inqueridos no estudo viverem com a mãe, pode ter influenciado na forma dos alunos caracterizarem e avaliarem o comportamento dos seus pais, devido à maior ou menor convivência com estes.

Com o objectivo de explorar a relação entre os estilos parentais e a auto-estima de crianças e adolescentes, realizou-se o presente estudo que permite retirar algumas conclusões gerais, a partir dos dados recolhidos e analisados de uma amostra representados por 1102

alunos sendo 56% do sexo feminino (n=612) e 44% do sexo masculino (n=489). Os participantes responderam a um questionário com a finalidade de recolher os seus dados sociodemográficos onde estes alunos avaliavam e caracterizavam os comportamentos e os estilos parentais executados pelos pais.

Após a análise dos dados e da revisão bibliográfica realizada, foi possível averiguar que, efectivamente, existem dados que mostram que os pais, ao empregarem estilos autoritários prejudicam a auto-estima dos seus filhos.

Um dos objectivos era compreender qual dos estilos autoritários ou permissivos contribuem para uma baixa auto-estima ou qual destes estilos apresentavam piores resultados. Com os dados analisados, foi possível perceber que a variável hostilidade, tanto executada pelo pai como pela mãe contribuem para uma baixa auto-estima, com isto podemos concluir que o estilo autoritário apresenta-se como um estilo mais prejudicial para a auto-estima de crianças e adolescentes, uma vez que o estilo permissivo é caracterizado como um estilo que apresenta um nível alto de afecto mas com baixo controlo.

Referencias

- Araújo, M. d. (2015). A família em contexto. Em M. d. Araújo, *Família, Escola e Sucesso Escolar* (pp. 24-43). Lisboa: Coisas de Ler.
- Barreto, A. (2008). *Terapia comunitária passo a passo* (3.^a ed). Fortaleza: LCR.
- Barreto, A. (2010). *Manual: cuidando do cuidador-resgate da autoestima na comunidade*. Fortaleza: [s.n.].
- Barros, L. (2015). Intervenção com Pais: Processo e fases de mudança. Em A. I. Pereira, A. Goes, & L. Barros, *Promoção da parentalidade positiva* (pp. 1-48). Lisboa: Coisas de Ler.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907).
- Baumrind, D. (1971). Harmonious parents and their preschool children. *Development Psychology*, 4(1), 99-102.
- Baumrind, D. (1975). *The contributions of the family to the development of competence in children*. Berkeley: University of California.
- Branden, N. (2002). *Autoestima e os seus seis pilares* (7.^a ed.). Tradução de Vera Caputo. São Paulo: Saraiva.
- Brás, P. F. (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais atuais* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa). Recuperado de https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/743/1/17380_Tese_de_Mestrado_Patricia_Bras.pdf
- Cecconello, A. M., Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.

- Delgado, P. (2009). O acolhimento familiar numa perspectiva ecológico-social. *Revista Lusófona de Educação*, 14, 157-168.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Goes, A. R., & Barros, L. (2015). Aconselhamento parental como estratégia de promoção de saúde infantil: das oportunidades de intervenção aos resultados. Em A. I. Pereira, *Promoção da parentalidade positiva* (pp. 49-108). Lisboa: Coisas de Ler.
- Jiménez, Á. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de psicología*, 18(2), 215-231.
- Kulik, L. (2002). The impact of social background on gender–role ideology: Parent’s versus children’s attitudes. *Journal of Family Issues*, 23(1), 53-73.
- Magnuson, K. A., & Duncan, G. J. (2006). The role of family socioeconomic resources in the black–white test score gap among young children. *Elsevier*, 26, 365-399.
- Mendes, A.R., Dohms, K.P., Lettinin, C., Zacharias, J., Mosquera, J.J., & Stobäus, C.D. (2012). Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência. In *IX ANPEDSUL Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul 2012*. Recuperado de <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/724/374>
- Parra, Á., Oliva, A. (2004). Evolución y determinantes de la autoestima durante 10s años adolescentes. *Anuario de Psicología*, 35(3), 331-346. Recuperado de <https://www.raco.cat/index.php/AnuarioPsicologia/article/download/61794/96259>
- Pasquali, L., Gouveia, V. V., Santos, W. S., Fonsêca, P. N., Andrade, J. M., & Lima, T. J. (2012). Questionário de percepção dos pais: evidências de uma medida de estilos parentais. *Paidéia*, 22(52), 155-164.

- Pedro, M. F., Carapito, E., & Ribeiro, T. (2015). Parenting styles and dimensions questionnaire - versão portuguesa de autorrelato. *Psychology /Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(2), 302-312.
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 29(4), 381-391.
- Prust, L. W., & Gomide, P. (2007). Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 24(1), 53-60.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38(3), 292-299.
- Rochinha, J., & Sousa, B. (2012). Os estilos e práticas parentais, a alimentação e o estado ponderal dos seus filhos. *Revista SPCNA*, 18(1), 1-7.
- Sousa, J. E. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber(e) Educar*, 11, 41-47.
- Weber, L. N., Prad, P. M., Viezzer, A., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331.